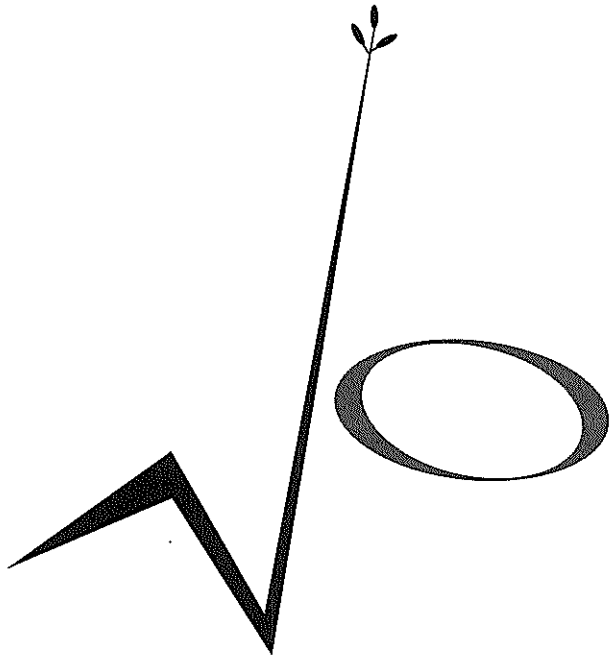
REVISTA DO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS, IV, N.º 41, Novembro 2010

O SEMINÁRIO CRESCEU !



NOVELLAE OLIVARUM



NOVELLAE OLIVARUM

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO
Cón. João Marcos (Director)
Hugo Gonçalves (sub-director)
Paulo Pires
Mário Silva
Fábio Bernardino
Pedro Barros

NOVELLAE OLIVARUM
Revista do Seminário dos Olivais
Propriedade da Associação Monsenhor Pereira dos Reis

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Seminário dos Olivais
1885-076 Moscavide
Tel. 219457370 - Fax. 219457379
Email: secretaria@seminariodosolivais.org

Depósito Legal: Nº 2912/83

IMPRESSÃO
Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

TIRAGEM
750 exemplares

Preço
€ 5

Capa: - Fotografia: Cón. João Marcos

SUMÁRIO

EDITORIAL 5

CARTA AOS SEMINARISTAS 9
Papa Bento XVI

FORMAR «PADRES SÁBIOS E SANTOS» 19
Cón. Nuno Brás

O CELIBATO SACERDOTAL: QUE RAZÕES? 35
Cón. Nuno Brás

ANO SACERDOTAL

SACERDOTES PARA UM POVO SACERDOTAL 65
D. José Policarpo

A PEREGRINAÇÃO DA IMAGEM
DE CRISTO SACERDOTE 71
P. José Miguel Barata Pereira

ENCERRAMENTO DO ANO SACERDOTAL EM ROMA 75
P. Carlos Aleixo Silva

O ANO SACERDOTAL
NA DIOCESE DE LEIRIA-FÁTIMA 79
P. Armindo Janeiro

O ANO SACERDOTAL
NA DIOCESE DE AVEIRO 85
P. João Alves

«EU ACREDITO»: A GRAÇA DA COMUNHÃO
ENTRE OS JOVENS PELA VINDA DO PAPA A PORTUGAL 89
P. Carlos Miguel Gonçalves

NO REINO DA LUZ 95
Cón. António Rego

IN MEMORIAM 99
Cón. João Marcos

CRÓNICA DA VIDA DO SEMINÁRIO 101

EDITORIAL

O SEMINÁRIO CRESCEU!

De 30 seminaristas que constituíam o Seminário dos Olivais no ano passado crescemos para 44 neste novo ano lectivo. Deve-se este aumento repentino ao facto de começarmos a acolher os seminaristas teólogos das dioceses de Leiria-Fátima e de Aveiro. Recebemo-los com alegria e desejamos vivamente que não se sintam estrangeiros e hóspedes entre nós, mas membros plenamente integrados do único Seminário reunido pelo Senhor para formar os pastores e os presbitérios das dioceses de Lisboa, Santarém, Funchal, Cabo Verde (Praia e Mindelo), Aveiro, Leiria-Fátima e... Cochim. Que este crescimento quantitativo, possibilitando uma partilha mais diversificada de experiências e de percursos vocacionais, propicie também um crescimento qualitativo da vida espiritual do Seminário no seu todo e de cada membro da comunidade!

A Novellae Olivarum vê assim alargado o espaço da sua difusão e, naturalmente, deseja ser também para estas dioceses um elo de ligação entre o Seminário e os presbitérios e comunidades diocesanas tal como tem procurado ser em Lisboa, Santarém e Funchal.

A 18 de Outubro recebemos a carta do Santo Padre aos seminaristas e apresentamo-la aos nossos leitores para poderem saborear calmamente a riqueza do seu conteúdo. São palavras densas de experiência e de sabedoria que nos encorajam a viver o Seminário cultivando todas as dimensões que integram a vida e o ministério dos presbíteros e que orientarão a nossa caminhada.

Também nesse sentido, parece-nos oportuno partilhar com os leitores a conferência proferida pelo nosso reitor, Cón. Nuno Brás, no início deste novo ano lectivo que apresenta os parâmetros da vida do Seminário e as grandes linhas orientadoras que presidem à formação aqui ministrada: "Formar padres sábios e santos", foi o objectivo que o Cardeal Cerejeira, fundador deste Seminário, lhe atribuiu desde o princípio e continua plenamente válido e tudo fazemos para que se concretize também nos nossos dias.

Ainda da autoria do senhor reitor apresentamos uma outra conferência proferida numa das quartas-feiras comunitárias do ano passado. O tema sempre actual do celibato é nela profundamente tratado do ponto de vista histórico e teológico, ajudando-nos a compreender que a disciplina do celibato dos presbíteros e bispos não é uma teima de quem manda na Igreja mas de algo que é exigido pela verdade mesma do ministério apostólico que exercem.

Como seria de esperar, ressoam neste número da Novellae Olivarum, o primeiro a ser publicado depois da visita do Santo Padre a Portugal e do Encerramento do Ano Sacerdotal, alguns ecos destes acontecimentos tão densamente vividos por todos nós.

Acerca do Ano Sacerdotal, apresentamos a Homilia do Senhor Patriarca na missa das Ordenações, uma avaliação que o P. José Miguel Barata Pereira faz da peregrinação da Imagem de Cristo Sacerdote pelas paróquias do Patriarcado e um testemunho do P. Carlos Silva acerca da sua participação nas celebrações do encerramento do Anc Sacerdotal em Roma, com o Santo Padre. A vivência do Ano Sacerdotal nas dioceses de Leiria-Fátima e Aveiro é-nos ainda referida pelos padres Armindo Janeiro e João Alves, respectivamente, a quem muito agradecemos.

No que diz respeito à visita de Sua Santidade a Portugal apresentamos o testemunho do P. Carlos Gonçalves àcerca do "Eu Acredito" que congregou e dinamizou os jovens em Lisboa.

Surpreendidos que fomos pela morte do Senhor D. Tomaz, pedimos ao Cón. António Rego que lhe era muito próximo, uma palavra de testemunho e de homenagem, e também não quisemos deixar no esquecimento o Cónego Serrazina, antigo Vice-Reitor desta casa falecido em Maio deste ano.

A concluir este número, a habitual crónica da vida do Seminário pelos nossos cronistas de serviço Paulo Pires e Mário Silva.

O Seminário cresceu. Sendo o coração da diocese, sendo o coração das nossas dioceses, é bom que cresça também no coração de quantos amam a Igreja e não se cansam de pedir ao Senhor da messe que lhe mande trabalhadores... sábios e santos. •

Cón. João Marcos



Carta aos Seminaristas

Queridos Seminaristas,

Em Dezembro de 1944, quando fui chamado para o serviço militar, o comandante de companhia perguntou a cada um de nós a profissão que sonhava ter no futuro. Respondi que queria tornar-me sacerdote católico. O subtenente replicou: Nesse caso, convém-lhe procurar outra coisa qualquer; na nova Alemanha, já não há necessidade de padres. Eu sabia que esta «nova Alemanha» estava já no fim e que, depois das enormes devastações causadas por aquela loucura no país, mais do que nunca haveria necessidade de sacerdotes. Hoje, a situação é completamente diversa; porém de vários modos, mesmo em nossos dias, muitos pensam que o sacerdócio católico não seja uma «profissão» do futuro. antes pertenceria já ao passado. Contrariando tais objecções e opiniões, vós, queridos amigos, decidistes-vos a entrar no Seminário, encaminhando-vos assim para o ministério sacerdotal na Igreja Católica. E fizestes bem, porque os homens sempre terão necessidade de Deus – mesmo na época do predomínio da técnica no mundo e da globalização –, do Deus que Se mostrou a nós em Jesus Cristo e nos reúne na Igreja universal, para aprender, com Ele e por meio d'Ele, a ver-

dadeira vida e manter presentes e tornar eficazes os critérios da verdadeira humanidade. Sempre que o homem deixa de ter a noção de Deus, a vida torna-se vazia; tudo é insuficiente. Depois o homem busca refúgio na alienação ou na violência, ameaça esta que recai cada vez mais sobre a própria juventude. Deus vive; criou cada um de nós e, por conseguinte, conhece a todos. É tão grande que tem tempo para as nossas coisas mais insignificantes: «Até os cabelos da vossa cabeça estão contados». Deus vive, e precisa de homens que vivam para Ele e O levem aos outros. Sim, tem sentido tornar-se sacerdote: o mundo tem necessidade de sacerdotes, de pastores hoje, amanhã e sempre enquanto existir.

O Seminário é uma comunidade que caminha para o serviço sacerdotal. Nestas palavras, disse já algo de muito importante: uma pessoa não se torna sacerdote, sozinha. É necessária a «comunidade dos discípulos», o conjunto daqueles que querem servir a Igreja de todos. Com esta carta, quero evidenciar – olhando retrospectivamente também para o meu tempo de Seminário – alguns elementos importantes para o vosso caminho a fazer nestes anos.

1. **Quem quer tornar-se sacerdote,** deve ser sobretudo um «homem de Deus», como o apresenta São Paulo (*1 Tm* 6, 11). Para nós, Deus não é uma hipótese remota, não é um desconhecido que se retirou depois do «big-bang». Deus mostrou-Se em Jesus Cristo. No rosto de Jesus Cristo, vemos o rosto de Deus. Nas suas palavras, ouvimos o próprio Deus a falar connosco. Por isso, o elemento mais importante no caminho para o sacerdócio e ao longo de toda a vida sacerdotal é

a relação pessoal com Deus em Jesus Cristo. O sacerdote não é o administrador de uma associação qualquer, cujo número de membros se procura manter e aumentar. É o mensageiro de Deus no meio dos homens; quer conduzir a Deus, e assim fazer crescer também a verdadeira comunhão dos homens entre si. Por isso, queridos amigos, é muito importante aprenderdes a viver em permanente contacto com Deus. Quando o Senhor fala de «orar sempre», naturalmente não pede para estarmos continuamente a rezar por palavras, mas para conservarmos sempre o contacto interior com Deus. Exercitar-se neste contacto é o sentido da nossa oração. Por isso, é importante que o dia comece e acabe com a oração; que escutemos Deus na leitura da Sagrada Escritura; que Lhe digamos os nossos desejos e as nossas esperanças, as nossas alegrias e sofrimentos, os nossos erros e o nosso agradecimento por cada coisa bela e boa, e que deste modo sempre O tenhamos diante dos nossos olhos como ponto de referência da nossa vida. Assim tornamo-nos sensíveis aos nossos erros e aprendemos a trabalhar para nos melhorarmos; mas tornamo-nos sensíveis também a tudo o que de belo e bom recebemos habitualmente cada dia, e assim cresce a gratidão. E, com a gratidão, cresce a alegria pelo facto de que Deus está perto de nós e podemos servi-l'O.

2. **Para nós, Deus não é só uma palavra.** Nos sacramentos, dá-Se pessoalmente a nós, através de elementos corporais. O centro da nossa relação com Deus e da configuração da nossa vida é a Eucaristia; celebrá-la com íntima participação e assim encontrar Cristo em pessoa deve ser o centro de todas as nossas jornadas. Para além do mais,

São Cipriano interpretou a súplica do Evangelho «o pão nosso de cada dia nos dai hoje», dizendo que o pão «nosso», que, como cristãos, podemos receber na Igreja, é precisamente Jesus eucarístico. Por conseguinte, na referida súplica do Pai Nosso, pedimos que Ele nos conceda cada dia este pão «nosso»; que o mesmo seja sempre o alimento da nossa vida, que Cristo ressuscitado, que Se nos dá na Eucaristia, plasme verdadeiramente toda a nossa vida com o esplendor do seu amor divino. Para uma recta celebração eucarística, é necessário aprendermos também a conhecer, compreender e amar a liturgia da Igreja na sua forma concreta. Na liturgia, rezamos com os fiéis de todos os séculos; passado, presente e futuro encontram-se num único grande coro de oração. A partir do meu próprio caminho, posso afirmar que é entusiasmante aprender a compreender pouco a pouco como tudo isto foi crescendo, quanta experiência de fé há na estrutura da liturgia da Missa, quantas gerações a formaram rezando.

3. **Importante é também o sacramento da Penitência.** Ensina a olhar-me do ponto de vista de Deus e obriga-me a ser honesto comigo mesmo; leva-me à humildade. Uma vez o Cura d'Ars disse: Pensais que não tem sentido obter a absolvição hoje, sabendo entretanto que amanhã fareis de novo os mesmos pecados. Mas – assim disse ele – o próprio Deus neste momento esquece os vossos pecados de amanhã, para vos dar a sua graça hoje. Embora tenhamos de lutar continuamente contra os mesmos erros, é importante opor-se ao embrutecimento da alma, à indiferença que se resigna com o facto de sermos feitos assim. Na grata certeza de que Deus me perdoa sempre de novo, é importante continuar

a caminhar, sem cair em escrúpulos mas também sem cair na indiferença, que já não me faria lutar pela santidade e o aperfeiçoamento. E, deixando-me perdoar, aprendo também a perdoar aos outros; reconhecendo a minha miséria, também me torno mais tolerante e compreensivo com as fraquezas do próximo.

4. **Mantende em vós também a sensibilidade pela piedade popular**, que, apesar de diversa em todas as culturas, é sempre também muito semelhante, porque, no fim de contas, o coração do homem é o mesmo. É certo que a piedade popular tende para a irracionalidade e, às vezes, talvez mesmo para a exterioridade. No entanto, excluí-la, é completamente errado. Através dela, a fé entrou no coração dos homens, tornou-se parte dos seus sentimentos, dos seus costumes, do seu sentir e viver comum. Por isso a piedade popular é um grande património da Igreja. A fé fez-se carne e sangue. Seguramente a piedade popular deve ser sempre purificada, referida ao centro, mas merece a nossa estima; de modo plenamente real, ela faz de nós mesmos «Povo de Deus».

5. **O tempo no Seminário é também e sobretudo tempo de estudo.** A fé cristã possui uma dimensão racional e intelectual, que lhe é essencial. Sem tal dimensão, a fé deixaria de ser ela mesma. Paulo fala de uma «norma da doutrina», à qual fomos entregues no Baptismo (*Rm* 6, 17). Todos vós conheceis a frase de São Pedro, considerada pelos teólogos medievais como a justificação para uma teologia elaborada racional e cientificamente: «Sempre prontos a responder (...) a todo aquele que vos perguntar "a razão" (logos) da vossa esperança»

(*1 Ped* 3, 15). Adquirir a capacidade para dar tais respostas é uma das principais funções dos anos de Seminário. Tudo o que vos peço insistentemente é isto: Estudai com empenho! Fazei render os anos do estudo! Não vos arrependereis. É certo que muitas vezes as matérias de estudo parecem muito distantes da prática da vida cristã e do serviço pastoral. Mas é completamente errado pôr-se imediatamente e sempre a pergunta pragmática: Poderá isto servir-me no futuro? Terá utilidade prática, pastoral? É que não se trata apenas de aprender as coisas evidentemente úteis, mas de conhecer e compreender a estrutura interna da fé na sua totalidade, de modo que a mesma se torne resposta às questões dos homens os quais, do ponto de vista exterior, mudam de geração em geração e todavia, no fundo, permanecem os mesmos. Por isso, é importante ultrapassar as questões volúveis do momento para se compreender as questões verdadeiras e próprias e, deste modo, perceber também as respostas como verdadeiras respostas. É importante conhecer a fundo e integralmente a Sagrada Escritura, na sua unidade de Antigo e Novo Testamento: a formação dos textos, a sua peculiaridade literária, a gradual composição dos mesmos até se formar o cânon dos livros sagrados, a unidade dinâmica interior que não se nota à superfície, mas é a única que dá a todos e cada um dos textos o seu pleno significado. É importante conhecer os Padres e os grandes Concílios, onde a Igreja assimilou, reflectindo e acreditando, as afirmações essenciais da Escritura. E poderia continuar assim: aquilo que designamos por dogmática é a compreensão dos diversos conteúdos da fé na sua unidade, mais ainda, na sua derradeira simplicidade, pois cada um dos detalhes, no fim de contas, é apenas explanação da fé no único Deus,

que Se manifestou e continua a manifestar-Se a nós. Que é importante conhecer as questões essenciais da teologia moral e da doutrina social católica, não será preciso que vo-lo diga expressamente. Quão importante seja hoje a teologia ecuménica, conhecer as várias comunidade cristãs, é evidente; e o mesmo se diga da necessidade duma orientação fundamental sobre as grandes religiões e, não menos importante, sobre a filosofia: a compreensão daquele indagar e questionar humano ao qual a fé quer dar resposta. Mas aprendei também a compreender e – ouso dizer – a amar o direito canónico na sua necessidade intrínseca e nas formas da sua aplicação prática: uma sociedade sem direito seria uma sociedade desprovida de direitos. O direito é condição do amor. Agora não quero continuar o elenco, mas dizer-vos apenas e uma vez mais: Amai o estudo da teologia e segui-o com diligente sensibilidade para ancorardes a teologia à comunidade viva da Igreja, a qual, com a sua autoridade, não é um pólo oposto à ciência teológica, mas o seu pressuposto. Sem a Igreja que crê, a teologia deixa de ser ela própria e torna-se um conjunto de disciplinas diversas sem unidade interior.

6. **Os anos no Seminário devem ser também um tempo de maturação humana.** Para o sacerdote, que terá de acompanhar os outros ao longo do caminho da vida e até às portas da morte, é importante que ele mesmo tenha posto em justo equilíbrio coração e intelecto, razão e sentimento, corpo e alma, e que seja humanamente «íntegro». Por isso, a tradição cristã sempre associou às «virtudes teologais» as «virtudes cardeais», derivadas da experiência humana e da filosofia, e também em geral a sã tradição ética da humanidade. Di-lo,

de maneira muito clara, Paulo aos Filipenses: «Quanto ao resto, irmãos, tudo o que é verdadeiro, nobre e justo, tudo o que é puro, amável e de boa reputação, tudo o que é virtude e digno de louvor, isto deveis ter no pensamento» (4, 8). Faz parte deste contexto também a integração da sexualidade no conjunto da personalidade. A sexualidade é um dom do Criador, mas também uma função que tem a ver com o desenvolvimento do próprio ser humano. Quando não é integrada na pessoa, a sexualidade torna-se banal e ao mesmo tempo destrutiva. Vemos isto, hoje, em muitos exemplos da nossa sociedade. Recentemente, tivemos de constatar com grande mágoa que sacerdotes desfiguraram o seu ministério, abusando sexualmente de crianças e adolescentes. Em vez de levar as pessoas a uma humanidade madura e servir-lhes de exemplo, com os seus abusos provocaram devastações, pelas quais sentimos profunda pena e desgosto. Por causa de tudo isto, pode ter-se levantado em muitos, e talvez mesmo em vós próprios, esta questão: se é bom fazer-se sacerdote, se o caminho do celibato é sensato como vida humana. Mas o abuso, que há que reprovar profundamente, não pode desacreditar a missão sacerdotal, que permanece grande e pura. Graças a Deus, todos conhecemos sacerdotes convincentes, plasmados pela sua fé, que testemunham que, neste estado e precisamente na vida celibatária, é possível chegar a uma humanidade autêntica, pura e madura. Entretanto o sucedido deve tornar-nos mais vigilantes e solícitos, levando precisamente a interrogarmo-nos cuidadosamente a nós mesmos diante de Deus ao longo do caminho rumo ao sacerdócio, para compreender se este constitui a sua vontade para mim. É função dos padres confessores e dos vossos superiores acompanhar-vos e ajudar-vos neste percurso de discernimento. É

um elemento essencial do vosso caminho praticar as virtudes humanas fundamentais, mantendo o olhar fixo em Deus que Se manifestou em Cristo, e deixar-se incessantemente purificar por Ele.

7. **Hoje os princípios da vocação sacerdotal são mais variados e distintos do que nos anos passados.** Muitas vezes a decisão para o sacerdócio desponta nas experiências de uma profissão secular já assumida. Frequentemente cresce nas comunidades, especialmente nos movimentos, que favorecem um encontro comunitário com Cristo e a sua Igreja, uma experiência espiritual e a alegria no serviço da fé. A decisão amadurece também em encontros muito pessoais com a grandeza e a miséria do ser humano. Deste modo os candidatos ao sacerdócio vivem muitas vezes em continentes espirituais completamente diversos; poderá ser difícil reconhecer os elementos comuns do futuro mandato e do seu itinerário espiritual. Por isso mesmo, o Seminário é importante como comunidade em caminho que está acima das várias formas de espiritualidade. Os movimentos são uma realidade magnífica; sabeis quanto os aprecio e amo como dom do Espírito Santo à Igreja. Mas devem ser avaliados segundo o modo como todos se abrem à realidade católica comum, à vida da única e comum Igreja de Cristo que permanece uma só em toda a sua variedade. O Seminário é o período em que aprendeis um com o outro e um do outro. Na convivência, por vezes talvez difícil, deveis aprender a generosidade e a tolerância não só suportando-vos mutuamente, mas também enriquecendo-vos um ao outro, de modo que cada um possa contribuir com os seus dotes peculiares para o conjunto, enquanto todos servem a mesma Igreja, o mesmo

Senhor. Esta escola da tolerância, antes do aceitar-se e compreender-se na unidade do Corpo de Cristo, faz parte dos elementos importantes dos anos de Seminário.

Queridos seminaristas! Com estas linhas, quis mostrar-vos quanto penso em vós precisamente nestes tempos difíceis e quanto estou unido convosco na oração. Rezai também por mim, para que possa desempenhar bem o meu serviço, enquanto o Senhor quiser. Confio o vosso caminho de preparação para o sacerdócio à protecção materna de Maria Santíssima, cuja casa foi escola de bem e de graça. A todos vos abençoe Deus omnipotente Pai, Filho e Espírito Santo. ●

Vaticano, 18 de Outubro de 2010
Festa de São Lucas Evangelista

Vosso no Senhor
BENEDICTUS PP XVI

FORMAR
«PADRES SÁBIOS E SANTOS»

(NA ABERTURA DO ANO 2010-2011)

1. TOMAR A «MEDIDA ALTA» DA SANTIDADE

A palavra inicial desta minha intervenção, não pode deixar de ser de boas-vindas e acolhimento para todos aqueles que aqui estão pela primeira vez – e são muitos (19). Ela dirige-se, em particular, para os que chegaram das dioceses de Aveiro e Leiria-Fátima: a pedido dos respectivos Bispos, os Seminários da diocese de Lisboa – neste caso, o Seminário dos Olivais – passam a recebê-los nesta etapa final de preparação para o presbiterado.

Devo dizer que a todos recebemos com alegria e com a vontade firme de servir os respectivos presbitérios. Com efeito, uma das primeiras tarefas de um Seminário Maior é a de *construir o presbitério do futuro.* Com isto, quero dizer que assumo como tarefa do nosso Seminário formar presbíteros, sacerdotes, homens santos, completamente dedicados ao serviço de Deus e do seu povo, que tomem a sério os caminhos teológicos e pastorais propostos pelo Concílio Vaticano II para a Igreja

do final do séc. XX e dos inícios do séc. XXI, quer dizer, para a Igreja concreta em que vivemos – para as nossas Igrejas diocesanas.

Uma palavra de boas-vindas é ainda mais que devida ao Senhor Padre Filipe Santos, que sem deixar a sua importante tarefa de Vice-reitor do Seminário Menor de Penafirme, a pedido do Senhor Patriarca, se dispôs a ajudar-nos na Direcção Espiritual do nosso Seminário, a braços com um inesperado aumento de alunos.

Assumindo o modelo proposto pelo Concílio (tal como é delineado no Decreto *Cptatam Totius* e, depois, concretizado na *Pastores dabo vobis*) – e que não é facultativo ou meramente indicativo – o nosso Seminário terá como ponto orientador de toda a sua vida e da formação que proporciona o *mistério trinitário da comunhão*, "critério hermenêutico" (teológico e pastoral) dos diferentes documentos conciliares e da sua respectiva aplicação, de acordo com o Sínodo Extraordinário dos Bispos de 1985, celebrado por iniciativa do Santo Padre João Paulo II para avaliar os 20 anos de percurso do Concílio.

Estou aqui a usar, sublinho, uma categoria teológica e não sociológica: na Igreja o ponto de partida da vida de comunhão é a vida da comunhão trinitária e não qualquer outro modelo que, eventualmente, possamos encontrar ou desejar para a nossa existência e formação ou para a existência e formação das diferentes comunidades em que nos encontramos (ou encontraremos) integrados.

Isso significa assumir o dinamismo trinitário do amor (não do amor humano mas do amor divino que se nos revelou na cruz), aquela realidade que, tendo origem no Pai (e não em nós) gera a pessoa do Filho, no qual desde o nosso baptismo, nos movemos e existimos ou, usando um conceito paulino, estamos incorporados. Isso significa em primeiro lugar, assumir a nossa *qualidade de filhos*, completamente dependentes do Pai e do seu amor e, depois, significa também que é do Filho – particularmente do Filho crucificado por amor dos homens – que aprendemos o que é ser filho de Deus.

Tudo isto nos é indicado pelo *Magistério* da Igreja, que quer os seus seminários e a formação que neles se ministra, centrados no mistério da comunhão trinitária. Por isso, não nos cansaremos nunca de a meditar e de a procurar viver, concretamente, em cada momento da nossa existência, como comunidade cristã e como comunidade para onde os cristãos dirigem o seu olhar, na esperança de encontrar o alento e a forma da sua existência. Para o justificar, baste aqui lembrar uma breve afirmação da Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis*, sobre a formação sacerdotal: "Não se pode, então definir a natureza e a missão do sacerdócio ministerial, senão nesta múltipla e rica trama de relações, que brotam da Trindade Santíssima e se prolongam na comunhão da Igreja como sinal e instrumento, em Cristo, da união com Deus e da unidade de todo o género humano" (*Pdv* 12).

Devemos ter isto sempre bem presente: as nossas dioceses olham para o Seminário não apenas como lugar de formação dos fu-

turos sacerdotes, mas também como lugar onde é possível encontrar uma vida cristã mais perfeita. Com efeito, aqueles que aqui vivem, sem preocupações que os possam distrair, têm a possibilidade de se entregar completamente ao serviço do Senhor e da sua Igreja, o que, não excluindo o pecado que nos habita, não pode igualmente excluir ou fazer diminuir em cada um de nós a vontade de ir mais longe, certamente por causa da nossa formação mas também por causa de todos aqueles que em nós colocam o seu olhar.

O Seminário tem, porque essa é a sua tarefa, que procurar viver de acordo com «a medida mais alta» – aquela que o Senhor nos oferece: «a vós foi oferecida uma medida cheia, calcada, transbordante» (*Lc* 6,38) e que na vida cristã (não tenhamos medo da palavra) dá pelo nome de *santidade*. A vida cristã do Seminário não se pode contentar com a mediania do possível ou com as concessões pastorais àquilo que, no futuro, cada um de nós irá encontrar como padre nas diferentes comunidades que nos forem confiadas. Do Seminário, do coração da diocese, Cristo e os cristãos esperam a *medida alta*, que deste modo se transforma em medida da nossa vida pessoal e interior mas igualmente da nossa vida comunitária e exterior – a começar pelas celebrações litúrgicas e a terminar num qualquer convívio que realizamos a pretexto de qualquer coisa.

Nisto, o Seminário e o seu projecto não sofreram – nem sofrerão – qualquer tipo de alteração. O ardor, o trabalho da Equipa Formadora, o clima formativo que procuramos seja quotidianamente vivido na comunidade do Seminário dos Olivais continuará a ser o mesmo que mar-

cou esta casa já de há muitos anos a esta parte: na fidelidade ao Evangelho e à interpretação que dele faz o Concílio Vaticano II, procurando discernir a vontade de Deus para o labor eclesial neste nosso tempo, formar padres «sábios e santos».

2. VIVER EM CASA PRÓPRIA

Isto significa, de um modo muito concreto, que a todos recebemos como membros de uma única família, sem qualquer distinção de proveniência; a todos peço que vivam desse modo a sua estada no Seminário: esta é a sua casa, a sua comunidade de referência; aqui não existem estrangeiros ou gente de fora; e se é certo que todos estamos aqui de um modo passageiro, enquanto aqui estivermos esta é a nossa comunidade, a nossa casa, da qual havemos de cuidar em todos os aspectos. Assim, o facto de integrarmos todos a mesma comunidade formativa faz com que todos partilhemos as alegrias e os problemas das nossas respectivas dioceses, como se da nossa própria diocese se tratasse.

Ninguém aqui vive em casa emprestada: todos vivemos em casa própria – que, naturalmente, porque é casa comum, tem regras que a todos são comuns e que todos iremos procurar respeitar. São regras mínimas porque não constituem o mais importante da nossa vida; mas precisamente porque são mínimas, importa que todos as procuremos respeitar na sua integridade, evitando atropelos e evitando igualmente o seu cumprimento exclusivamente conforme à letra mas ignorando o espírito das mesmas.

Deixai-me, aliás, enunciar-vos aquela grande regra, que compendia todas as outras, e na qual se consubstancia a própria caridade: *o outro*, o seu serviço e o seu cuidado. Nem será de esperar uma atitude diferente de quem entrega todos os minutos da sua existência ao serviço de Deus e do próximo: antes do que me é ou não permitido fazer, antes do que posso considerar eventualmente, ser um meu direito, estará sempre o que é ou não bom para o outro que vive ao meu lado e pelo qual sou sempre responsável.

Deixai ainda que recorde a todos uma verdade evidente: a comunidade que aqui agora se encontra não começou hoje – daqui por um ano iremos mesmo celebrar os 80 anos do Seminário. De um modo ou de outro, somos todos herdeiros daqueles que, em 1931, deram início ao novo Seminário dos Olivais, e ainda de todos os outros que, melhor ou pior, aqui foram formados. Mas o essencial não são as datas da história, nem o passado já remoto. Quando me referia ao facto de a nossa comunidade não ter começado hoje, queria sobretudo referir-me ao facto de que uma boa parte dela já aqui vive há alguns anos, que foram fruto certamente da vontade humana de todos, mas que foram igualmente (não tenho dúvidas) construção do Espírito Santo. Peço aos que aqui se encontram pela primeira vez, no mínimo, um olhar benevolente e paciente – até porque foi este o modo de ser seminário que, concretamente, os vossos bispos escolheram para vos formar.

Por outro lado, a grande maioria daqueles que agora aqui estão de novo têm também uma história de formação, com diferentes etapas e

percursos. Se esta nossa comunidade formativa os acolhe, é importante que, muito concretamente e não apenas nos princípios ideais, respeite aquilo que foi a sua caminhada, certamente com muito de positivo e com tudo aquilo que nos podem ensinar na vida da fé e na própria vida comunitária.

Gostaria ainda de vos convidar a todos a descobrir de um modo muito concreto a riqueza que constitui a pluralidade (não disse pluralismo) dos modos de viver a Igreja como «mistério de salvação». O facto de o outro não pensar como eu, ou de não ter os mesmos interesses, constitui, à partida, uma possibilidade de enriquecimento que a todos é oferecida. A pluralidade, o debate, a diferença de opiniões e de modos de ser sempre foram uma marca e uma riqueza da Igreja católica ao longo dos séculos. Faremos com que esta pluralidade se reflicta na nossa comunidade.

3. AS GRANDES LINHAS DA FORMAÇÃO

Deixai-me agora repropor, de um modo mais explícito, as grandes linhas de formação do Seminário dos Olivais.

A primeira realidade a sublinhar é que, mais que por qualquer opinião do Reitor ou de qualquer outro membro da Equipa Formadora, o Seminário quer ser orientado pelos documentos que o Magistério mais recente propôs para a formação dos futuros padres. Em particular, deixai-me sublinhar o Decreto Conciliar *Optatam totius*; a Exortação

Apostólica *Pastores dabo vobis*; o *Directório para a vida e ministério dos presbíteros*; e, em Portugal e enquanto não forem revistas, as *Normas fundamentais para a formação sacerdotal nas dioceses portuguesas*. Tendo-os como pano de fundo, deixai-me agora concretizar algumas das linhas-mestras da formação sacerdotal na nossa casa.

A todas elas tenho que antepor a *formação humana*, assumindo-a como dado adquirido no que toca ao seu desenvolvimento essencial, ainda que ela acompanhe sempre as demais dimensões formativas, tal como toda a nossa vida. O Seminário dos Olivais pressupõe, no entanto, que todos os seus seminaristas são homens adultos, com um prévio e sério discernimento vocacional. Aqui, não há lugar para atitudes infantis ou adolescentes, tal como não é o lugar para quem só agora começa a tomar seriamente a hipótese de ser Padre.

Sem descurar e sem deixar de acompanhar a formação humana e o discernimento vocacional, o Seminário assume, por isso, que estas duas áreas foram suficientemente trabalhadas nas anteriores etapas de formação. É pois suposto que todos sejam suficientemente bem-educados, e que todos tenham claro que a vocação presbiteral é aquela a que são chamados pelo Senhor.

Posto isto, entremos agora no «específico» da formação do Seminário Maior, concretamente na do Seminário dos Olivais. Nela encontramos três grandes vectores, ordenados do seguinte modo, de acordo com a sua importância: a) vida espiritual; b) vida de estudo;

c) vida pastoral. Passo agora a enunciar, muito brevemente, aquilo em que consiste cada um deles.

A) VIDA ESPIRITUAL

A vida espiritual é a vida daquele que se deixa guiar pelo Espírito de Deus. Deixai que nela considere, ainda que brevemente, alguns aspectos: 1) a vida de oração; 2) a vida comunitária; 3) o confronto da vida interior com o Director Espiritual.

1) Em primeiro lugar, a vida de oração. A vida de um Padre é conduzida pela oração. Esta define-se, primeiramente, pela capacidade de escutar a voz do Senhor e de a acolher no coração, deixando que a palavra de Deus modifique os nossos critérios de pensar e de agir (ou seja, nos converta). Tornamo-nos então discípulos e amigos de Jesus, o que nos permite interceder junto do Pai pelos nossos irmãos.

A vida de oração é primeiramente uma vida litúrgica: pelo seu pecado, o homem torna-se incapaz de, naturalmente, louvar a Deus (cf. *Rom* 1,18-25). Por isso, a fé eclesial (resposta do homem à revelação divina), por acção do próprio Espírito, coloca diante de nós o modo como devemos rezar. Trata-se do desenvolvimento do *Pai nosso*. É como comunidade (*nosso*) que o cristão reza sempre ao Pai, por meio de Jesus. A liturgia é pois o momento por excelência da oração, mesmo da oração pessoal: em cada palavra, em cada gesto, em cada atitude que nela assumimos, são as palavras, os gestos, as atitudes de Cristo que fazemos nossas, e com as quais procuramos

conformar as nossas vidas. Não é pois de espantar que a Eucaristia ganhe uma centralidade excepcional no nosso quotidiano, na sua preparação e, sobretudo, na sua celebração, que procuramos adquira a maior qualidade possível.

Depois, a celebração de Laudes, no início do dia. É desse modo, louvando comunitariamente o Senhor, que iniciamos o nosso quotidiano. Nem faria sentido de outro modo, para aqueles que se consagram completamente ao Senhor.

É esta oração litúrgica de louvor que há-de ser prolongada ao longo do dia, em momentos de confronto pessoal ou em grupo com a palavra da Escritura, e de encontro íntimo e silencioso com o Pai.

2) Ao referir-me à «vida comunitária», estou consciente que o seu primeiro momento é, precisamente, o da oração litúrgica; mas quero agora fazer referência àqueles outros momentos em que toda a comunidade é convidada a estar, em encontro cristão e humano: seja nos momentos de refeição (almoço e jantar) e nos minutos de convívio que se seguem, seja no aprofundamento de algum assunto de âmbito doutrinal ou cultural, seja simplesmente na descontracção e convívio ou até apenas numa «presença comum» a que qualquer circunstância nos convida. São momentos em que nos assumimos e mostramos como comunidade, em que os gostos e os horários de cada um são sacrificados em função de uma realidade maior e mais importante, que ultrapassa o indivíduo e os seus gostos. São momentos em que a comunidade do Seminário aparece como tal, e dos quais, por isso mesmo, a não ser por motivos de força maior, ninguém se deve dispensar.

Da vida comunitária fazem ainda parte os momentos de vida em curso. O curso constitui uma realidade natural, que permite um acompanhamento mais próximo por parte de um membro da Equipa Formadora. É certo que todos os membros da Equipa Formadora são responsáveis por toda a comunidade; mas cada um assume, de um modo mais directo, a responsabilidade por algumas tarefas, em particular no que toca ao acompanhamento diário dos diferentes cursos. Também aqui o curso não é o grupo de amigos que escolhemos mas aquele que o próprio Deus nos oferece para nos construirmos como cristãos e como padres.

É certo que o curso é, por natureza, uma realidade passageira, que se irá esbater com o tempo, com as diferentes tarefas pastorais que seremos chamados a desempenhar ao longo da vida nas nossas dioceses. Por isso, ele é apenas um meio de formação, uma comunidade mais pequena, um ponto de referência, uma ajuda ao crescimento, seja nos momentos de maior seriedade, seja em outros marcados pelo divertimento e descontracção.

Deixai-me sublinhar que a importância da vida comunitária – tal como a vida de oração – decorre directamente do conceito teológico de *comunhão*: a comunhão com Deus e em Deus não pode deixar de se espelhar no acolhimento e na partilha com os irmãos. Longe pois de ser uma realidade teologicamente facultativa, ela é também aquela realidade onde, de um modo muito concreto e consciente vamos limando as nossas arestas para sermos as pedras vivas deste novo Templo do Senhor que é a Igreja.

3) Finalmente, da vida espiritual faz ainda parte o confronto com o Director Espiritual. É importante que o Director Espiritual nos conheça interiormente – conheça toda a nossa história, todas as nossas dificuldades, os obstáculos que encontramos no nosso relacionamento com Deus e com os outros. Ele é alguém, nesta etapa de formação, indicado pelo nosso Bispo (não há Directores Espirituais exteriores ao Seminário), com quem podemos e devemos confrontar quer as grandes opções da nossa vida, quer os nossos hábitos quotidianos, as realidades mais íntimas que não contamos a mais ninguém, e aquelas outras que todos conhecem mas onde se mostra necessário ainda progredir. Daí que seja importante, pelo menos, um encontro mensal com o Director Espiritual, bem como a celebração frequente do sacramento da penitência.

Da vida espiritual fazem ainda parte todos os outros momentos de aprofundamento: das recolecções mensais ao retiro anual; da partilha espiritual em curso, aos momentos de oração previstos e propostos para o encontro com o Senhor.

b) Vida de estudo

O estudo da teologia ocupa grande parte do nosso dia. Para além da frequência às aulas, é essencial o estudo individual, impossível de ser realizado sem um bom aproveitamento do tempo. A vossa «profissão» é o estudo da teologia e, para isso, as nossas diferentes dioceses não hesitam em pagar-vos os estudos e em vos proporcionar um ambiente onde, livres de outras preocupações, vos seja possível dedicar-vos, quase inteiramente, à teologia.

O estudo da teologia é, em primeiro lugar, uma exigência da nossa fé. É certo que nem todos os cristãos estudam teologia, mas todos são chamados a possuir uma *inteligência da fé*, em maior ou menor grau.

Com efeito, acreditar que, em Jesus, o *Logos* se fez carne significa, antes de mais, professar que toda a realidade se encontra ordenada, não é fruto do acaso mas da vontade de Deus; é fruto de uma *razão (Logos)* que nos é dado conhecer, descobrir, investigar, aprofundar. Mas significa, depois, acreditar que em Jesus de Nazaré esse *Logos* vem ao nosso encontro. Se o podemos e devemos descobrir pela nossa razão, podemos e devemos descobri-lo igualmente naquele encontro que apenas a fé proporciona e diante do qual, como aconteceu outrora a Pedro e aos discípulos, nos colocamos de joelhos.

Fé e razão, longe de se contradizerem, abrem diante do crente um novo horizonte, insuspeitado, que ao mesmo tempo que nos seduz e maravilha, nos convida sempre a ir mais longe. Por isso, o estudo encontra-se prolongado na oração, e esta convida ao aprofundamento das razões da fé.

Depois, o estudo da teologia é uma exigência para aquele que vai ter sobre os ombros o ministério do pastor, ou seja, para aquele que terá de realizar opções pastorais. Ora é impossível ser um «bom pastor» sem saber teologia: todas as opções pastorais têm sempre implicações teológicas, tal como as opções teológicas trazem consigo consequências pastorais. Um pároco que, por exemplo, prescinda da constituição de qualquer conselho na sua comunidade tem óbvios defeitos na sua

eclesiologia; e o mesmo se pode dizer de um outro que prescinda do exercício da autoridade de que é investido pelo Bispo que o envia, sob o pretexto de uma «concepção democrática» da Igreja – em ambos a eclesiologia foi mal estudada e assimilada.

Na vossa fase (1º ciclo), o principal objectivo do estudo da teologia consiste na obtenção de uma síntese teológica harmónica inicial, da qual deve brotar o trabalho final do mestrado integrado em teologia, e que vos torne aptos a conduzir com critérios teológicos as comunidades que vos forem confiadas.

É óbvio que tal objectivo traz consigo a aquisição de hábitos de estudo, que mesmo não terminando na obtenção de outros graus académicos possam alimentar o sadio hábito da leitura teológica e do aprofundamento das questões.

c) Vida pastoral

Toda a vida do nosso Seminário é destinada a formar pastores e, por isso, toda ela é pastoral. A ninguém o Senhor deu como vocação «estar no seminário»: este existe por causa do povo de Deus das nossas dioceses. Tudo aqui é, pois, pastoral. Essa é a perspectiva de toda a formação. Desde os seus inícios (muitos seminaristas iam dar catequese às paróquias vizinhas), mas, sobretudo, desde 1971, o Seminário dos Olivais optou por proporcionar aos seus seminaristas, em simultâneo com o estudo da teologia, o trabalho num lugar de "estágio pastoral".

Assim, são confiados a um Pároco e a uma paróquia da cidade ou dos arredores. Nela, durante a tarde de Sábado e a manhã e a primeira parte da tarde de Domingo, os seminaristas procuram *viver com o pároco*, rezar com ele, perceber como organiza e olha a paróquia e as razões das suas opções pastorais, e cuidar e acompanhar algum grupo que lhe seja confiado, desenvolvendo e mostrando o amor e a disponibilidade para o serviço do povo de Deus. São tarefas onde é igualmente importante desenvolver o espírito de equipa – de uma equipa que não escolhemos mas com a qual fomos enviados.

4. ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

Gostaria agora de relembrar que todos aqui estão livremente. Ninguém é obrigado a estar no Seminário; mas se a entrada é livre, a permanência nele só faz sentido enquanto for oportunidade de crescimento e de resposta ao Senhor que chama, o mesmo é dizer: enquanto for oportunidade de formação e crescimento em nós do espírito de Cristo pastor; de formação e crescimento na santidade, de acordo com a vontade da Igreja e não de acordo com o nosso livre arbítrio. O ponto de partida é, por isso, positivo: em todos se supõe existir esta mesma vontade.

Uma breve e última palavra sobre o lugar da Equipa Formadora no Seminário. O Seminário é tempo de formação. Sabemos que o primeiro formador é o Espírito Santo; sabemos que ao próprio cabe igualmente a tarefa de se formar e deixar formar, até no seu próprio in-

teresse. A Equipa Formadora tem a tarefa de constituir uma referência objectiva ao longo de todo este itinerário.

Hoje, não é tarefa fácil ser formador no Seminário. Tal tarefa não se confina à de um policiamento que verifique o cumprimento de determinadas regras. Trata-se antes de conduzir pessoalmente o seminarista de forma a que o seu coração se assemelhe cada vez mais ao do Bom Pastor que é Jesus Cristo. Isso significa disponibilidade, persistência, exercício de autoridade, constante atenção aos mais pequenos detalhes. Mas ainda que seja difícil a tarefa de formar hoje os Padres de amanhã, assumimo-la até ao fim. As outras missões de que fomos incumbidos pelo nosso bispo poderão, por vezes, diminuir a nossa presença física no Seminário; mas este será sempre o lugar primeiro da nossa missão.

Não conteis connosco para encobrir o que quer que seja, num errado conceito de «camaradagem» ou, como agora se costuma dizer, de «cumplicidade». Contai connosco, sempre, em qualquer momento do dia, para o que seja necessário para a vossa formação sacerdotal, na sinceridade e na procura comum da verdade que é Cristo.

Assim, com a ajuda do Senhor, seremos capazes de oferecer à Igreja e ao mundo os padres santos e sábios de que eles tanto necessitam, e para cuja formação, há 79 anos, foi criada esta casa. ●

Cón. Nuno Brás da Silva Martins

O Celibato Sacerdotal: que razões?

Creio que não andaremos muito longe da verdade se afirmarmos que o celibato sacerdotal[1] tem sido a realidade mais contestada ao longo de toda a história da Igreja e, simultaneamente, a mais reafirmada. A contestação a que assistimos nos nossos dias – vinda de meios exteriores à Igreja, a quem causa confusão (mesmo inquietação) a possibilidade de existência de pessoas celibatárias por causa do Reino dos Céus, ou vinda do interior da própria Igreja, de quem pensa ingenuamente que o fim da disciplina do celibato seria o fim dos problemas com a dimensão sexual da vida dos sacerdotes – não é pois original. De uma forma ou de outra, não houve período da história da Igreja em que não se tenha contestado o celibato consagrado, tal como não exis-

[1] Indicamos apenas alguma bibliografia complementar, da muita publicada mais recentemente: J. SÁNCHEZ (ed.), *Solo per amore. Riflessioni sul celibato sacerdotale*, Milano, Paoline, 1993; A. STICKLER, *Il celibato ecclesiastico. La sua storia e i suoi fondamenti*, Vaticano, Ed. Vaticana, 1994; S. GUIMARÃES, *Opção de amor total. O celibato na Igreja*, Braga, A.O., 1999; L. TOUZE, *Célibat sacerdotale et théologie nuptiale de l'ordre*, Roma, PUSC, 2002; C. BONIVENTO, *Priestly Celibacy. Ecclesiastical Institution or Apostolic Tradition?*, Vinimc (Papua New Guinea), 2006; A. CENCINI, *Virgindade e celibato hoje. Para uma sexualidade pascal*, Lisboa, Paulus, 2008; S. HEID, *Celibacy in the Early Church. The Beginnings of a Discipline of Obligatory continence for clerics in East and West*, San Francisco, Ignatius Press, 2000. Cf. ainda www.celibato.org.

tiu nenhum outro em que o mesmo não tenha sido reafirmado. Simples teimosia eclesial?

Comecemos por interrogar a Sagrada Escritura acerca do celibato e da continência sexual dos ministros da Igreja, para depois percorrermos brevemente (e sem uma análise detalhada dos respectivos textos, o que nos levaria muito longe, não apenas em extensão) um pouco da história desta disciplina para, finalmente, apontarmos os seus motivos teológicos e espirituais, que motivam hoje a sua permanência.

1. UM BREVE OLHAR PELA HISTÓRIA

1.1 Jesus e os Apóstolos, celibatários por causa do Reino dos Céus

O celibato de Jesus é uma realidade incontestada: Jesus foi celibatário por causa do Reino dos Céus e, com Ele, também os seus discípulos viveram em continência perfeita, deixando tudo para O seguir, realidade chocante para o mundo de então, mas igualmente anunciadora da proximidade (presença) do Reino e dos Tempos Novos inaugurados por Jesus (cf. *Mt* 22,24-24; 8,19-20; 12,47-50; 19,10-12; *Lc* 18,28-30). Depois da ressurreição, quando os Apóstolos se espalham ao longo das fronteiras do Império e as ultrapassam, num claro prolongamento da vida e ministério do Senhor, não seria lógico que aqueles que por causa do chamamento do Mestre tinham deixado a família tivessem regressado à sua vida anterior. Alguns seriam, porventura, casados mas

deixaram de usar do matrimónio em favor do seu ministério e da missão que lhes fora confiada pelo Ressuscitado.

É certo que S. Paulo, em *1Cor* 9,5 faz referência ao acompanhamento dos missionários cristãos por uma mulher; mas tal deve antes compreender-se no contexto da própria missão de Jesus, que tinha no seu grupo algumas mulheres (*Lc* 8,1-3): a presença de «missionárias» permitia que o Evangelho chegasse igualmente ao mundo feminino de então, apartado do masculino. O Apóstolo Paulo realiza claramente a sua actividade missionária em estrito celibato (cf. *1Cor* 7,1-13.32-34).

Não existem provas irrefutáveis de que a vida de continência sexual por causa do Reino tivesse sido transmitida e exigida pelos Apóstolos aos seus sucessores. No entanto, se atentarmos ao significado de *1Tim* 3,2-12; *Tit* 1,6, de acordo com as quais os ministros da Igreja devem ser homens «de uma só mulher», não podemos deixar de as entender (na sequência das exigências de Jesus aos seus enviados) no sentido de uma referência à impossibilidade de contrair um ulterior matrimónio depois de recebido o ministério, por parte de um homem casado, e portanto no sentido da continência perpétua dos ministros da Igreja depois da sua ordenação – o que, aliás, se encontra na linha da tradição que se segue, e não de um possível e prévio estado de poligamia (nunca aceite entre os cristãos), nem da obrigatoriedade de ordenação exclusiva de homens casados (o que estaria em contradição com a vida apostólica). Ou seja: mesmo quando casado, o ministro ordenado não deverá voltar a contrair matrimónio se entretanto lhe falecer a esposa,

tal como não deve ser escolhido para o ministério aquele que já teve várias esposas (que foi casado várias vezes). Com este mesmo sentido concorda, aliás, a afirmação escatológica de Paulo em *1Cor* 7,29: «os que têm mulher vivam como se não a tivessem». É esta realidade que, em S. Paulo, assume também claramente uma dimensão esponsal e espiritual (*1Cor* 11,2).

1.2 A disciplina da continência dos ministros ordenados na Tradição oriental

É obviamente impossível percorrer aqui, ainda que apenas nomeando as referências mais directas, todos os autores orientais que mostram a permanência da disciplina da continência dos ministros ordenados e do celibato consagrado, numa linha que une as comunidades neotestamentárias aos nossos dias. Façamo-lo, no entanto, para os primeiros séculos.

S. Inácio de Antioquia (martirizado por volta do ano 116), na *Carta a Policarpo* (V,2), elogia aqueles cristãos que desejam viver na castidade «para glória da carne do Senhor», mas adverte que o façam humildemente, sem rivalizarem com o Bispo. Assim, dá a entender que existiam, na Igreja dos primeiros anos, duas formas de continência entre os ministros ordenados, por vezes erradamente colocadas em «concorrência espiritual» uma com a outra: o celibato consagrado e o não uso do matrimónio, tal como era requerido depois da ordenação.

Infelizmente perdemos o texto integral do primeiro tratado sobre o celibato e a continência, da autoria de S. Clemente de Alexandria (150-211/216). Dele conhecemos apenas algumas passagens nos *Stromata*. Defendendo o matrimónio e a sua dimensão sagrada, Clemente sublinha que a vida celibatária deve ser abraçada apenas «por amor do Reino dos Céus» (*Strom.* III, 51,1). Ao mesmo tempo, defende que os celibatários não se devem considerar superiores aos casados. S. Clemente faz depois referência à passagem de *1Cor* 9,5, chamando à mulher que acompanha os Apóstolos «irmã-mulher», e explicando precisamente que se tratava de uma ajudante para a evangelização do mundo feminino (III, 52,5-53,4), condenando logo de seguida uma «comunidade libidinosa» (*Strom* III, 54,1), ou seja, a partilha da mesma mulher por vários homens, tida erradamente por alguns como o ponto supremo de uma vida comunitária. Assim, se, por um lado S. Clemente defende de um modo acérrimo o matrimónio como realidade querida pelo Senhor e fonte de salvação, por outro, o mesmo Padre da Igreja não hesita em recomendar a castidade, e em recordar os ensinamentos apostólicos a propósito da ordenação de homens casados.

Orígenes (184-284) afirma a sua convicção de que um presbítero deve viver em estado de continência: «apenas aqueles que têm votos de castidade perpétua e sem cessar podem oferecer sacrifícios sem cessar» (*Hom in Num* 23,3). Numa outra obra (*Comentário ao Evangelho de S. Mateus*, XIV 22), o mesmo teólogo faz referência à tradição recebida do Apóstolo, interrogando-se «com perplexidade: como é que

Paulo não permite a pessoas casadas duas vezes serem constituídas em autoridade eclesiástica», mesmo que estas tenham uma vida cristã mais exemplar? Lendo as passagens, parece claro que para Orígenes existe uma norma apostólica que determina o preceito de o ministro ordenado (bispo, presbítero ou diácono) apenas poder ser escolhido ou entre os celibatários ou entre aqueles que apenas foram casados uma só vez, e que a continência sexual deve ser observada no exercício do ministério.

Ainda concordando com esta tradição, encontramos na primeira metade do séc. III a *Didaskalia dos Apóstolos*, que comenta *1Tim* 3,2-12 e *Tit* 1,6: o bispo «seja provado quando recebe a imposição das mãos para se sentar numa posição de episcopado: veja-se se é casto, bem como se a sua esposa é uma mulher casta; e se criou os seus filhos no temor de Deus» (*Didaskalia Apostolorum*, 4). Nesta mesma linha encontramos também Eusébio de Cesareia (265-340) na *Demonstratio Evangelica* (I,9), S. Basílio Magno (329-379) em algumas das suas cartas (188,3; 199,27), e S. Efrém (306-373) em *Carmina Nisibena* (XVIII,12).

S. Cirilo de Jerusalém (313-386) refere a exigência de continência no ministério numa das suas *catequeses* (Cat. XII,25), e Epifânio de Salamina (ap. 315-402) recorda-o em *Adversus haereses panarium* (48,9; 59,4). O mesmo se diga também de S. João Crisóstomo (344/354-407) na *Homilia 10,1* (*in 1Tim*, 3,1-4), e de S. Jerónimo (347-419), na *Carta a Pammachius* (*Carta* 48.21): «Os apóstolos foram também eles virgens ou, apesar de casados, viveram vidas celibatárias. Aquelas pessoas que são escolhidas para bispos, presbíteros e diáconos são também virgens ou viúvos; ou, pelo menos, depois de terem recebido o sacerdócio, vota-

ram-se a uma castidade perpétua» (cf. *Comm. In epistola ad Titum*, 1,8-9; cf. *Adversus Jovinianus*, I,34). Refiram-se também Teodoro de Mopsuéstia (350-428) no comentário a *ITim* 3,2, e as *Constituições Apostólicas* (II, 1,2; VI, 3,17).

Já no séc. V ou VI, encontramos os *Cânones dos Santos Apóstolos* que, depois de proibirem o abandono da esposa por parte dos ministros ordenados, sob pretexto de piedade (can. 6), confirmam nos cânones 17 a 21 e no cânone 27 a doutrina que temos vindo a recolher.

Como «contra-prova» do que temos vindo a verificar no que podemos considerar ser a «Tradição» acerca da continência sexual mesmo dos *viri probati*, temos o aparecimento do impedimento canónico de contraírem matrimónio daqueles que foram ordenados[2]. Este impedimento tem a sua primeira referência (o que significa que a prática é anterior a esta data) no Concílio de Ancira em 314. Nos seus cânones, em particular no cânone 10, este concílio faz especial referência aos diáconos, afirmando que apenas estes podem casar depois da ordenação, mas somente no caso de o requererem antes da mesma[3]. Deste modo, e mesmo que não se refiram explicitamente, deduz-se com segurança que tal era vedado a Bispos e Presbíteros.

Anos mais tarde, o Concílio de Neocesareia (entre 314-319) vai obrigar à deposição os presbíteros que venham a contrair matrimónio após a ordenação (can. 1); e o can. 8 do mesmo Concílio proíbe a orde-

[2] Cf. R. FERREIRA, *O impedimento matrimonial de ordem sacra*, Lisboa, UCP, 2006.
[3] Cf. R. FERREIRA, *O impedimento matrimonial de ordem sacra*, 27-28.

nação do marido de uma adúltera (prevenindo a possibilidade de não guardar a continência necessária por parte do ordenado), estabelecendo igualmente «penas mais rigorosas para os presbíteros culpados de fornicação ou de adultério»[4].

É ainda significativo o modo como o I Concílio Ecuménico de Niceia (325) aborda a questão: se o cân. 1 prescreve a exclusão do estado de clérigo daqueles que se mutilam livremente, o cân. 3 afirma: «Este grande sínodo proíbe absolutamente aos bispos, aos sacerdotes, aos diáconos e em geral a qualquer membro do clero ter consigo uma mulher, a não ser que se trate da sua mãe, de uma irmã, de uma tia ou de alguém que esteja acima de qualquer suspeita».

Terá sido neste concílio que sucedeu o célebre episódio de Paphnutius do Egipto, relatado pelo historiador grego Sócrates. Monge e bispo de Alta Tebaida, Paphnutius teria erguido a voz contra a vontade de muitos de consagrar uma obrigação geral de continência dos ministros ordenados, pedindo que tal fosse deixado à decisão de cada Igreja, o que teria sido aceite pelo Concílio. Contudo, é hoje consensual entre os historiadores que tal legenda não passa disso mesmo, faltando-lhe qualquer base histórica. Com efeito, a notícia do episódio data de 440 (mais de 100 anos depois) e não aparece referida por mais ninguém, nem sequer o próprio Sócrates refere as suas fontes, ao contrário do que é seu costume (diz apenas ter escutado o relato a um velho que participou no Concílio). Ao contrário, a disciplina da continência para

[4] R. FERREIRA, *O impedimento matrimonial de ordem sacra*, 29.

os ministros ordenados é confirmada em 438 pelo Código de Teodósio (16,2,44) e em 535 pelo Código de Justiniano:

> *Nem um homem que viva em segundas núpcias nem um que tenha sido casado com duas viúvas pode ser ordenado diácono ou presbítero, nem aquele que viver com uma mulher que se tenha divorciado e tenha deixado o seu marido, nem aquele que tenha uma concubina. Em vez disso, apenas pode ser ordenado aquele homem que pratica a continência ou aquele que foi ou é marido de uma mulher – e ela deve praticar a continência e a virgindade antes do casamento. Porque nada é tão procurado depois das ordens sagradas como a continência, a fonte e o fundamento dos divinos cânones e de todas as outras virtudes. Se acontecer o contrário, tal sacerdote, diácono ou sub-diácono deve receber a mulher ou a concubina, seja aberta seja secretamente, e ser imediatamente removido do ministério sagrado e tratado daí para a frente como um leigo*[5].

Parece pois fora de questão, que em meados do séc. VI, na tradição oriental, não era permitido a um sacerdote procriar filhos depois da ordenação, e que tal era olhado como uma «tradição apostólica».

1.3 O II Concílio de Trullo ou Quinisexto (691)

É um Concílio convocado pelo Imperador Justiniano II, ao qual só assistiram delegados orientais e que nunca foi reconhecido como ecuménico na sua totalidade mas apenas (e muito mais tarde, pelo

[5] C. BONIVENTO, *Priestly Celibacy*, 31.

Papa João VIII) naquilo que não era contrário à disciplina romana, o II Concílio de Trullo ou Quintisexto (691) que vem modificar a disciplina da tradição oriental. Assim, depois de no can. 3 proibir a ordenação de alguém que tenha contraído um segundo casamento depois do baptismo ou que viva em concubinato, casado com uma viúva, divorciada, prostituta, escrava ou actriz; de no can. 6 declarar ilegal o casamento de ministros ordenados depois da ordenação; e de no can. 12 declarar que os bispos não podem coabitar com as suas esposas depois da ordenação, o Concílio afirma no cânone 13:

> *Uma vez que sabemos que é transmitida como regra da Igreja de Roma que aqueles que são considerados dignos de avançar para o diaconado ou presbiterado prometem deixar de coabitar com as suas mulheres, nós, preservando a antiga regra e ordem de perfeição apostólica, queremos que o casamento legítimo dos homens que se encontram nas ordens sagradas seja mantido a partir deste momento, não seja dissolvida a sua união ou privadas as suas esposas das relações mútuas, no tempo conveniente. [...] Mas sabemos que os que se reuniram em Cartago (com o cuidado da vida honesta dos clérigos) disseram que os sub-diáconos, que lidam com os sagrados mistérios, os diáconos e presbíteros se devem abster das suas consortes segundo a sua caminhada para o ministério. Assim, aquilo que foi ensinado pelos Apóstolos e preservado pelos costumes antigos, queremos igualmente manter, sabendo que existe um tempo para tudo, particularmente para jejuar e rezar. Deste modo, aquele que assiste ao altar divino deve ser absolutamente continente quando lida com as coisas sagradas, para poder obter de Deus aquilo que*

pede sinceramente. Mas se alguém, contrariamente aos cânones apostólicos, ousar privar algum daqueles que estão nas ordens sagradas, presbítero, diácono ou sub-diácono de coabitar nos intervalos com a sua mulher legítima, que seja deposto. Deste modo, também se algum presbítero ou diácono, com pretensa piedade, despediu a sua esposa, que seja excluído da comunhão; e se perseverar, que seja deposto.

Nesta sequência, o cânone 48 ordena que na separação por mútuo consentimento entre um bispo e a sua esposa, esta entre para um mosteiro depois da ordenação do marido, e que o bispo a sustente. Assim, a tradição do Concílio mantém praticamente intacta a legislação anterior, proibindo o casamento de homens ordenados, um seu segundo casamento após o baptismo, ou o seu casamento com uma viúva; os que não respeitarem estas normas devem ser depostos. Por outro lado, o mesmo concílio mantém, inexplicavelmente, a tradição oriental e ocidental no caso dos Bispos, modificando-a apenas para os outros dois graus da Ordem, dando na prática a entender que se trata de uma permissão motivada sobretudo pelos casos concretos de infidelidade à norma da continência sexual dos ministros casados – norma que, no entanto, continua a ser mantida no caso de desempenho de funções sagradas.

1.4 A continência dos ministros ordenados na tradição da Igreja latina

Um percurso muito semelhante ao da Igreja oriental pode ser encontrado na Igreja latina. Vejamos alguns exemplos. Assim, Tertuliano (ap. 150 a ap. 220) em *De monogamia* (VIII,4) e *De exhortatione castitatis* (7; 11,2), e Hipólito (ap. 170-235). Este último testemunha, pela negativa, a interpretação que era realizada em Roma das afirmações apostólicas. Denunciando o Papa Calixto (217-222), Hipólito afirma no seu livro *Origines Philosophumena* (X,7):

> *No tempo deste homem, bispos, padres e diáconos, que tinham sido casados duas e três vezes começaram a reter o seu lugar entre o clero. Se assim fosse, como se todos os que tinham ordens sagradas se devessem tornar casados, Calixto permitiu a um que continuasse na ordem sagrada, como se não tivesse pecado. E, em justificação, alegou o que tinha sido dito pelo Apóstolo como referido a esta pessoa: «quem és tu que julgas outro homem como servo?».*

Afirmando esta mesma linha de impossibilidade do uso do matrimónio pelos ministros ordenados, encontramos também S. Ambrósio de Milão (333-397) em *De officiis ministrorum*, que se mostra absolutamente contra a ordenação de homens que tenham sido casados mais que uma vez, mesmo antes do Baptismo (I, 257-258), e um autor anónimo, o Ambrosiaster, em *Comm. In Epist. Ad Thimoteum Prima* (PL 17,497 a-d), entre outras passagens.

Santo Agostinho (354-430), em *De coniugiis adulterinis* (escrita entre 419 e 421) lembra aos cônjuges que depois de enviuvar queriam voltar a casar o exemplo da continência sacerdotal:

> *É habitual dar-lhes o exemplo da continência dos clérigos. Para mais, estes são designados contra a vontade de assumir este fardo mas, uma vez que o aceitaram, levam-no com a ajuda de Deus até ao fim devido. Dizemos-lhes pois: Então? Se também tu fosses constringido a aceitar este peso da violência do povo, não guardarias castamente o dever que aceitaste, dirigindo-te imediatamente ao Senhor para obter as forças que antes pensavas não ter? Mas, respondes, a honra paga-as abundantemente. Respondo-te: e a ti sirva muito mais como freio o temor. Se muitos ministros do Senhor aceitaram este dever que lhes foi imposto de um momento para o outro, na esperança de resplandecerem mais luminosos na herança de Cristo, quanto mais deveis viver na continência guardando-vos do adultério, no temor de resplandecer menos no reino de Deus, mas arder no fogo da Geena (II, 20,22)?*

Contudo, se por um lado a Igreja nos finais do séc. III e início do séc. IV conserva a Tradição Apostólica ainda muito viva, por outro, vemos pulular nela grandes heresias (umas rigoristas outras laxistas). Ao mesmo tempo, assistimos ao início da grande expansão do cristianismo para o mundo rural. Com estas realidades, é natural que a disciplina da continência sacerdotal se visse posta em causa, não tanto com argumentos teológicos quanto sobretudo pela prática. Não espanta pois que o Concílio/Sínodo de Elvira (*Iliberium*), cidade próxima

de Granada, celebrado no dia 15 de Maio, possivelmente entre os anos 300 e 303, tenha abordado o assunto. Uma leitura dos seus cânones, mesmo que superficial, não pode deixar de surpreender: encontramos ali as diferentes dificuldades morais por que passava então a Igreja da Península. Não se tratava pois de abordar realidades novas, mas de providenciar para que tudo quanto constitui pecado grave pudesse ter a devida punição e fosse erradicado. É assim que se trata a situação daqueles que a seguir ao Baptismo voltaram a entrar num templo pagão ou mesmo a oferecer sacrifícios, da patroa que mata a serva por ciúme, das diferentes situações de adultério (dos maridos e das mulheres) do lenocínio, das virgens consagradas que violam o seu voto de castidade e dos bispos, presbíteros e diáconos que exercem actividades comerciais. É nesta sequência que encontramos os célebres cânones referentes à continência do ministro ordenado:

> Can. 19: *Se vier a averiguar-se que algum bispo, presbítero ou diácono, quando constituído no seu ministério, violou a castidade, deverá, por causa do escândalo e do ímpio crime, ser perpetuamente excluído da comunhão. [...]*
> Can. 27: *O bispo ou qualquer outro clérigo apenas poderá conservar na sua companhia ou irmã ou filha virgem consagrada a Deus; sendo-lhes absolutamente proibido ter mulher estranha. [...]*
> Can. 30: *Não devem ser admitidos à ordem de subdiácono os que na sua adolescência tiverem cometido adultério; para evitar que depois, sub-repticiamente, possam ascender a grau mais elevado. [...]*
> Can. 33: *É absolutamente proibido aos bispos, presbítero e diáconos, e em geral a todas as pessoas constituídas no ministério eclesiástico, coabitar*

com suas esposas e gerar filhos; o que proceder em contrário desta disposição deverá ser privado da honra clerical[6].

Da leitura dos cânones de Elvira, devemos reconhecer que a maioria dos bispos, presbíteros e diáconos eram *viri probati*, ou seja, eram ordenados já casados; contudo, devemos igualmente reconhecer que a condição de clérigo trazia consigo a exigência de não usar sexualmente do matrimónio, sob pena de ser privado daquela. Assim, devemos afirmar que o Concílio de Elvira não criou a este respeito qualquer novidade, tanto é que não conhecemos qualquer reacção contrária aos seus cânones: o Concílio limitou-se a confirmar aquilo que, compreensivelmente, já era norma na Igreja, e cujos testemunhos já encontrámos expressos nos autores que anteriormente referimos.

Os cânones de Elvira são retomados e confirmados em 314 pelo Concílio de Arles (can. 29), em 390 pelo II Concílio de Cartago que acrescenta tratar-se esta de uma Tradição Apostólica («Como foi dito antes, convém que os santos bispos e os sacerdotes de Deus, tal como os levitas, ou seja, aqueles que estão ao serviço dos sacramentos divinos, observem uma continência perfeita, para poderem obter com toda a simplicidade aquilo que pedem de Deus; o que ensinaram os apóstolos, e aquilo que os antigos observaram, procuremos guardar também nós do mesmo modo») e, depois, num outro Concílio em 419.

---

[6] Cf. FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal,* Tomo I, Coimbra, 1910, 641-662.

Acerca da apostolicidade das normas, notemos como os bispos africanos tinham um agudo sentido daquela. Com efeito, os mesmos bispos obrigaram o Papa Zósimo a rever a sua posição na readmissão ao ministério do presbítero Apiário de Sicca: se o Papa pensava, primeiramente, que tal readmissão estava conforme às decisões do Concílio de Niceia, os bispos africanos mostraram que tal decisão não coincidia com os documentos autênticos deste concílio que se encontravam na sua posse, pelo que não hesitaram em obrigar o Papa a voltar atrás na sua decisão.

Também os Papas se fazem eco da disciplina sobre a continência sexual dos ministros após a ordenação. É o caso do Papa S. Sirício (384-399) que, em 10 de Fevereiro de 385, numa decretal enviada ao Bispo espanhol Himério, afirma:

> *Soubemos que muitos sacerdotes e levitas procriaram filhos depois de ter passado muito tempo da sua consagração, não apenas de suas próprias mulheres, mas também de união torpe, e querem defender o seu crime com a desculpa de que se lê no Antigo Testamento ter-se concedido aos sacerdotes e ministros a faculdade de gerar.*
>
> *Porque é que, no ano do seu turno, se manda [no Antigo Testamento] aos sacerdotes que habitem no Templo longe de suas casas? Pela simples razão de que nem com as suas mulheres tivessem comércio carnal, a fim de que, brilhando pela integridade da sua consciência, oferecessem a Deus um dom aceitável.*
>
> *Daqui também que o Senhor Jesus, tendo-nos ilustrado com a sua*

vinda, afirmasse no seu Evangelho que veio para cumprir a Lei e não para a destruir. Por isso, quis que a forma de castidade da sua Igreja da qual Ele é esposo, irradiasse com esplendor, a fim de a poder achar sem mancha nem ruga (Ef 5,27). Todos os levitas e sacerdotes estamos obrigados pela lei indissolúvel destas sanções, ou seja, desde o dia da nossa ordenação, consagramos os nossos corações e corpos à sobriedade e castidade, para em tudo agradar ao nosso Deus nos sacrifícios que diariamente oferecemos (DH 185).

Um ano mais tarde (386), o mesmo Papa dirige-se aos Bispos africanos (Carta *Cum in unum*), referindo como não sendo inovadora a disciplina dos seus concílios, mas antes encontrando-se na linha dos Padres Apostólicos e da Sagrada Escritura. Ainda o mesmo S. Siricio (ou já Inocêncio I), escreveu o Decreto Dominus Inter aos Bispos da Gália, onde se reafirmava a necessidade da observância da continência para os ministros sagrados (neste mesmo sentido encontramos também as cartas deste último *Etsi tibi* e *Consulenti tibi*).

1.5. A INSTITUCIONALIZAÇÃO COMPLETA DO CELIBATO SACERDOTAL NA IGREJA LATINA

O caminho da Igreja latina em direcção à institucionalização completa do celibato sacerdotal irá ainda efectuar um longo percurso. Note-se, por exemplo, que, no séc. X houve um quase total abandono da prática do celibato e da continência sexual entre o clero, a que se juntava a fraca intervenção da autoridade diocesana. Para combater esses males e realizar a reforma necessária, o Papa Gregório VII (1073-1085) não deixou de dar um impulso à disciplina celibatária e de procurar

uma melhor formação dos candidatos às ordens sacras. A reforma gregoriana desenvolveu-se seja no plano da controvérsia, encorajando os defensores do celibato (S. Pedro Damião, Bernoldo de Constância, Manegoldo de Lautenbach, Honório de Autun) a escreverem contra os seus detractores, seja no campo das medidas legislativas, com a convocação de um Sínodo romano em 1074, que se fez eco da tradição anterior favorável ao celibato.

Contudo, só com Calixto II, em 1123, o I Concílio Ecuménico de Latrão exigirá a observância mais estrita do celibato, o que é depois renovado no II Concílio de Latrão (1139) e, em 1215, pelo IV Concílio de Latrão (can. 14). Finalmente, o Concílio de Trento (Can. 9, XXIV Sessão, Doutrina do Sacramento do Matrimónio) afirma:

> *Se alguém disser que os clérigos constituídos em ordens sagradas ou os religiosos que fizeram voto solene de castidade podem contrair matrimónio e que, uma vez contraído, ele é válido, apesar da lei eclesiástica e o seu voto; que sustentar que o contrário não é mais que condenar o matrimónio; que todos aqueles que sentem não ter o dom da castidade, mesmo se emitiram o voto, podem contrair matrimónio, a.s. Com efeito, Deus não nega este dom a quem o pede com recta intenção, e não permite que sejamos tentados acima das nossas forças.*

Podemos pois afirmar que o celibato consagrado (por causa do Reino dos Céus) sempre existiu na Igreja, particularmente entre os seus ministros. É certo que durante muitos séculos foram ordena-

dos homens casados uma só vez, mas é igualmente seguro que estes se comprometiam no momento da ordenação a não usar, daí para a frente, da vida sexual do matrimónio e a não casar posteriormente, mesmo no caso de morte da sua esposa. Assim, quando a ordenação passou a ser conferida apenas a celibatários, a Igreja mais não fez que espelhar e facilitar a vivência duma norma que remonta aos tempos apostólicos: a da continência sexual dos que tinham sido ordenados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA DO CELIBATO SACERDOTAL

Apesar de, também aqui, sermos obrigados apenas a um breve resumo, não deixemos de apresentar rapidamente uma fundamentação teológica do celibato sacerdotal.

2.1 Dimensão cristológica

O celibato sacerdotal (tal como a exigência da continência sexual para os que vivem em matrimónio) seria impensável sem a consideração da pessoa de Jesus, celibatário, anunciador do Reino, único sacerdote da Nova Aliança. A participação no seu sacerdócio exige do ministro uma configuração e uma transparência daquele que é o Único e Eterno Sacerdote.

O celibato sacerdotal sublinha, contudo, que o sacramento da ordem não tem em vista apenas a realização de determinadas funções litúrgicas (como o poderia sugerir a norma da continência), mas antes insere um baptizado numa particular e especial relação com Cristo Sacerdote e, por Ele, com toda a Trindade. O sacramento da Ordem, com efeito, não capacita apenas para a celebração da Eucaristia e dos demais sacramentos, antes transforma aquele que o recebe em sacramento do próprio Cristo, único Pastor, Cabeça e Esposo da Igreja. Toda a vida do sacerdote constituirá pois – mesmo no que toca à espiritualidade – uma procura de identificação com Jesus, pobre, casto e obediente, a quem ele torna presente.

2.2 O CARÁCTER ESPONSAL DO CELIBATO SACERDOTAL

Notemos, no entanto, que a disciplina da continência sexual é algo que se encontra relacionada com o próprio exercício do ministério: aquele que oferece ao Pai o sacrifício eucarístico, ou que em nome de Deus abençoa os irmãos, não pode deixar de ter o seu coração unificado no único Senhor, de quem é a transparência, a presença sacramental.

Enquanto exerce um ministério de mediação, tornando presente o único mediador entre Deus e os homens; enquanto Cristo exerce nele e por ele o acto sacramental, o ministro ordenado não pode deixar de procurar uma configuração, o mais perfeita possível, com o próprio Senhor – o que, não se resumindo certamente à continência

sexual, encontra nesta uma expressão que não é exclusivamente interior e espiritual (sem deixar nunca de o ser), mas é igualmente corporal, testemunhando deste modo como as várias dimensões do ser humano não constituem caminhos separados ou mesmo paralelos, sem nunca se encontrarem.

Esta procura – que traduz afinal a procura da santidade do próprio ministro – expressa-se na célebre fórmula das Cartas pastorais «*unius uxoris vir*», «*homem de uma só mulher*» (*1Tim* 3,2.12; *Tit* 1,6). É certo que esta fórmula, usada apenas no Novo Testamento para os ministros ordenados, tem por detrás a disciplina segundo a qual estes não poderiam casar depois da ordenação. Contudo, ela não deixa de assumir igualmente, desde o início, um sentido *esponsal*. Se a Igreja é dita *esposa* de Cristo, a quem Ele desposou com amor eterno (cf. *Ef* 5,25-32), purificando-a para a apresentar ao Pai sem defeito nem ruga, também o Apóstolo não hesita em afirmar: «experimento por vós um ciúme semelhante ao de Deus. Desposei-vos com um único esposo, Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura» (*2Cor* 11,2).

O carácter esponsal de que se reveste o ministério ordenado encontra pois as suas raízes últimas em Cristo, que desposou a Igreja como virgem pura, atitude a que o Apóstolo se associa, como amigo do esposo, e a que se associam também, de acordo com os testemunhos das *cartas pastorais*, os outros ministros ordenados que lhes sucedem: o ministro deve procurar configurar-se com Cristo, esposo da Igreja, e a virgindade de coração há-de ser vivida como uma virgindade da própria carne do ministro.

Deste modo, o ministro configura-se claramente com Cristo celibatário, renunciando à normal vida familiar, em favor de uma nova família, não já com base nos laços do sangue ou da carne, mas naqueles que têm a sua origem na obediência à vontade de Deus (*Mc* 3,31-35). Jesus é Aquele que é sempre para o Pai (*Lc* 2,41-50), de forma a partilhar o seu amor universal. Como afirma Balthasar: «É completamente impensável que Jesus pudesse oferecer o seu corpo e o seu sangue pela vida do mundo se a tivesse também oferecido num matrimónio particular».

2.3 O CELIBATO SACERDOTAL, EXPRESSÃO DE AMOR

O celibato consagrado, aquele que é vivido por amor do Reino dos Céus, traz consigo um modo diferente de viver o amor humano. A realidade do amor deixa agora de ser encarada de um modo «natural», como no matrimónio, para passar a ser sinal de uma existência sobrenatural. Com efeito, o amor humano, ainda que vivificado pela caridade divina, que desta forma grita aos ouvidos e aos corações, não deixa de ser vivido pelo celibatário. O celibatário ama, e se não amar não poderá ser efectivamente celibatário – um egoísta não poderá ser celibatário mas apenas um «solteirão».

Mais: se é na cruz de Jesus de Nazaré que aprendemos verdadeiramente o que é o amor, pois que ali se manifestou de um modo pleno e concreto o amor que Deus é, e ao mesmo tempo lhe foi dada a resposta perfeita por parte do homem, então não nos podemos surpreender pelo

facto de o amor vivido e expresso de uma forma virginal – precisamente aquele que é vivido pelo celibatário – não ser uma «degenerescência» do amor, a que falta qualquer coisa, mas antes a expressão mais sublime do mesmo.

A vida celibatária deve pois aparecer claramente como um dos modos de expressar o amor. Não tenhamos receio em reconhecer que o nosso pecado contribui tantas vezes para o obscurecimento aos olhos do mundo desta dimensão essencial da vida do celibatário; mas isso não nos deve igualmente impedir de proclamar que a vida celibatária – a vida daquele que tudo deixa por amor do Reino dos Céus – constitui hoje a expressão mais tangível do amor divino (e, talvez por isso, a Igreja tenha defendido o celibato consagrado e a continência sexual de uma forma tão persistente e tão ousada ao longo dos séculos).

2.4 Animado pela graça de Deus

Se no amor é sempre Deus quem tem a iniciativa, se o amor verdadeiro (que nem sempre coincide com aquilo a que o homem mentirosamente chama amor) é sempre uma centelha divina no coração humano, mesmo no mais duro, na vida do celibatário esse amor divino tudo preenche – o dar e o receber que são próprios do amor, a iniciativa e a resposta, são totalmente de Deus: porque, mesmo quando é o homem a responder (e não pode deixar de o ser, e com toda a sua liberdade) esta resposta encontra-se animada pela graça. Mais: a resposta seria impossível sem a graça divina, que a todos ama no coração humano.

É a graça de Deus que dá vigor sobrenatural à natureza, pedindo que esta se deixe transformar, qual exercício atlético de treino (ascese), que dia-a-dia vai tornando o ser humano capaz de viver à medida da grandeza do coração de Cristo, ou seja, dando a todos o lugar que lhe pertence.

Deus sabe aquilo que pode pedir ao ser humano. Certamente: esta presença divina – que é vocação, e portanto, que traz consigo dinamismo, crescimento, procura de novas formas de expressão – não retira do percurso as dificuldades reais e concretas. Mas estas estão longe de serem inultrapassáveis e impossíveis de resolver, por muito que assim apareçam aos nossos contemporâneos, filhos naturais e reais de Freud. Nem devem ser as dificuldades a aparecerem mais, de tal modo que possam obscurecer o dom de Deus – não podemos, não devemos estar centrados nelas, sob pena de o dom divino encontrar uma mera medida humana.

2.5 O CELIBATO CONSAGRADO NÃO É ANTI-NATURAL

Assim, devemos igualmente afirmar que o celibato não é anti-natural. A natureza humana não é apenas sexualidade e – muito menos – genitalidade. Com efeito, a sexualidade humana não encontra apenas a sua expressão na genitalidade: ela é igualmente *paternidade* no homem e *maternidade* na mulher; é *masculinidade* no homem e *feminilidade* na mulher. O dom que o celibatário recebeu de Deus apenas o conduz a não usar a sua genitalidade enquanto modo de união a uma esposa.

É por isso que ao celibatário é requerida uma lúcida compreensão de si mesmo, bem como um conhecimento atento do seu corpo e do modo como ele se comporta e, simultaneamente, um auto-domínio. O celibatário não ignora o que é a sexualidade nem a despreza; não ignora sequer o que é a sua expressão genital, nem a despreza, como se fosse superior àqueles que não podem passar sem ela. Nem pode ignorar a realidade do feminino, particularmente hoje, quando muitas mulheres se vêem reduzidas (ou se reduzem a si mesmas) a objectos ou máquinas de prazer, procurando não raras vezes refúgio na vida ligada à religião, ou quando o feminino e o masculino nos aparecem disfarçados e distorcidos num pretenso «terceiro género» inexistente.

2.6 Requer maturidade psicológica e afectiva

Assim, ao celibatário é requerida a maturidade psicológica e afectiva do adulto que, serenamente, tem consciência de ser sinal do amor de Deus, porque no seu coração transporta o Amor, que tem por missão tornar presente. Apenas a maturidade psicológica e afectiva (condição essencial para a consagração da vida no celibato) permite a delicadeza de sentimentos que torna o celibatário capaz de perceber, acolher e aconselhar a todos, mesmo aqueles que vivem em matrimónio, nas dificuldades concretas da vida, sabendo ser sinal do Amor divino para com todos, e ajudando a todos a ultrapassar as dificuldades com realismo, sensatez e consciência das devidas distâncias.

Por outro lado, o celibatário ajuda efectivamente as famílias cristãs que vivem em matrimónio a não esquecer a dimensão espiritual (e mesmo o horizonte escatológico) da sua vida. Dos celibatários, os cristãos que vivem o sacramento do matrimónio esperam que os ajudem a estar mais próximos de Deus, a reavivar Aquela presença, única capaz de os fazer viver para sempre os compromissos que assumiram diante do altar do Senhor.

2.7 Um modo positivo de encarar a solidão

Obviamente que a vida do celibatário traz consigo a solidão. Essa é uma dimensão que importa saber viver ao longo de toda a vida, conscientes de que ela assume diferentes aspectos. Contudo, importa também sublinhar que esta não é, decididamente, uma solidão vazia: pelo contrário, é uma solidão cheia do Reino de Deus e das suas riquezas; uma solidão cheia por todos aqueles para quem, apesar do nosso pecado, somos importantes – aqueles que ajudámos no seu caminho em direcção ao Senhor e a quem uma palavra que proferimos, tantas vezes de modo inconsciente, fez despertar ou deu coragem no seu caminho para Deus ou na solução de uma qualquer dificuldade humana. A nossa solidão está cheia da plenitude interior e exterior do Reino.

Longe de nos retirar responsabilidades frente à sociedade em que vivemos, a solidão do celibatário torna-o efectivamente mais dis-

ponível e responsável: somos constituídos em favor de todos, consagrados ao serviço da Caridade, o mesmo é dizer, do amor de Deus.

Por outro lado, a nossa solidão de celibatários não pode deixar de ser vivida em união com a solidão de Cristo na cruz. Quem aceitou ser todo de Cristo, encontra na intimidade com o Senhor e na sua graça a força para vencer as dificuldades.

Assim, o celibato não pode ser encarado, de forma negativa, como uma proibição. Pelo contrário: é algo que abraçamos positivamente porque nos configura de um modo mais claro e explícito a Cristo sacerdote, que na cruz se entrega completamente pela salvação do mundo.

O celibato é pois um dom que Deus nos faz (a nós, à Igreja e ao mundo), e que requer em nós a disponibilidade para o acolher. Isso significa que ele não pode deixar de ser agradecido, não como quem agradece um sofrimento que transporta resignado mas como um dom que o Senhor faz àqueles que escolhe para configurar consigo no serviço da salvação do mundo.

2.8 O CELIBATO REQUER DISCIPLINA INTERIOR E PERSEVERANÇA

Mas este dom não pode ser agradecido, vivido positivamente e mesmo aumentado, sem uma disciplina pessoal e comunitária. Não se trata duma regra imposta do exterior, mas algo que brota do interior, do nosso modo de ser. Isso significa igualmente o conhecimento real

das próprias forças e, assim, a necessidade de evitar tudo aquilo que possa fazer perigar esse dom.

O celibato, é certo, exige esquecimento de si em favor do próximo; exige humildade e obediência; exige prudência, justiça, fortaleza e temperança; exige sentido de responsabilidade, fidelidade e lealdade; exige castidade conquistada com perseverança e harmonia; exige uma vida serena e confiante no seio do mundo.

O sacramento da Ordem – esse dom imenso da graça que nos configura e torna participantes em Cristo sacerdote – ajuda certamente a vida do celibatário. Mas não resolve todos os problemas: a castidade é o resultado duma laboriosa conquista e de uma reafirmação quotidiana, tomando consciência da escolha que o Senhor fez de cada um de nós e da resposta que nos ajudou a dar. A perseverança nesta resposta há-de pois ser implorada diariamente ao Senhor numa intensa vida espiritual de intimidade com Cristo, de trabalho em Igreja, de piedade sacerdotal, juntamente com uma frequência do sacramento da penitência.

Finalmente, é essencial uma verdadeira vida fraterna entre os sacerdotes. Ela expressa-se na oração uns pelos outros, na amizade serena e firme de quem não é «cúmplice» do outro, mas seu verdadeiro amigo.

2.9 Celibato e testemunho do Mundo Novo

Numa cultura em que o sexo se tornou, juntamente com o dinheiro uma das realidades centrais, o celibato consagrado constitui

uma realidade difícil de entender (e de aceitar) pela esmagadora maioria dos nossos contemporâneos, mesmo se são cristãos. Contudo, ele constitui um clamor perene de que a realidade do mundo presente é passageira e de que um mundo novo surgiu na ressurreição de Cristo: «Não andareis enganados por desconhecer as Escrituras e o poder de Deus? Quando ressuscitarem de entre os mortos, nem eles se casarão, nem elas serão dadas em casamento, mas serão como anjos no Céu» (*Mc* 12,24b-25).

É deste mundo novo e definitivo que o celibatário dá, diariamente testemunho: o celibato é, deste modo, uma forma de profissão de fé no Reino dos Céus e na ressurreição dos mortos. Neste sentido, o celibatário é também uma relativização de toda a cultura contemporânea, enquanto construção humana que espera, também ela, a manifestação do Reino na sua plenitude.

A contestação do celibato consagrado e as dificuldades dos celibatários na sua vivência não são uma novidade dos tempos contemporâneos. Pelo contrário, elas atravessam toda a história da Igreja. Mas, simultaneamente, a sua defesa – em particular enquanto intimamente relacionado com o ministério sacerdotal – e os exemplos santos e entusiasmantes da sua vivência não são em menor número nem menores em profundidade. A consciência de que se trata de um modo de vida que apenas o chamamento de Jesus pode garantir efectivamente, e a consciência de que, ao fazê-lo, não estamos simplesmente a obedecer a uma mera norma disciplinar, bem como todos os motivos teológicos

que acima enumerámos, não podem deixar de constituir um incentivo para o vivermos cada vez mais profundamente (particularmente como dom que nos é oferecido por Deus) e de, sem medo de modas culturais, o defendermos não apenas com as palavras como, sobretudo, com o testemunho de uma vida que procura conformar-se cada vez mais, em cada momento que passa, Àquele que, um dia, passou também por nós e nos escolheu para nos enviar a anunciar a presença do Reino. ●

Cón. Nuno Brás da Silva Martins

Sacerdotes para um Povo Sacerdotal

Homilia na Celebração da Ordenação de Presbíteros e Diáconos

1. Ordenar Presbíteros e Diáconos é uma expressão da graça que foi, para toda a Igreja, o Ano Sacerdotal, solenemente encerrado em Roma pelo Papa Bento XVI. Não estamos a encerrar o Ano Sacerdotal; estamos, sim, a iniciar um tempo novo em que, em Igreja, havemos de continuar a aprofundar o dom maravilhoso do sacerdócio, sendo fiéis às graças e interpelações que nos foram dadas durante este Ano. O sacerdócio apostólico é para a Igreja, é dom de Jesus Cristo à sua Igreja, para que possa, toda ela, ser Povo Sacerdotal, oferecer, em comunhão com Jesus Cristo, o sacrifício pascal da redenção. Vós, queridos ordinandos, sereis sacerdotes de Jesus Cristo para a Igreja, sereis a expressão do seu amor de esposo pela Igreja sua esposa.

Porque considero que estamos a começar um tempo novo, de fidelidade renovada, quero dizer à Igreja de Lisboa, a vós queridas irmãs e irmãos, o que nós os sacerdotes, o presbitério de Lisboa, queremos ser

Cruz e depois no caminho da Igreja nascente, considerai a graça inaudita do vosso sacerdócio. A fidelidade à própria vocação exige coragem e confiança, mas o Senhor quer também que saibais unir as vossas forças; sede solícitos uns pelos outros, sustentando-vos fraternalmente. Os momentos de oração e estudo em comum, de partilha das exigências da vida e trabalho sacerdotal são uma parte necessária da vossa vida. Como é maravilhoso quando vos acolheis uns aos outros nas vossas casas, com a paz de Cristo nos vossos corações! Como é importante que vos ajudeis mutuamente por meio da oração e com conselhos e discernimentos úteis! Particular atenção vos devem merecer as situações de um certo esmorecimento dos ideais sacerdotais ou a dedicação a actividades que não concordem integralmente com o que é próprio de um ministro de Jesus Cristo. Então é hora de assumir, juntamente com o calor da fraternidade, a atitude firme do irmão que ajuda seu irmão a manter-se de pé".

4. Queremos ser para vós, queridos irmãos e irmãs, arautos incansáveis da verdade, não da nossa verdade mas do Evangelho de Jesus Cristo. O anúncio da verdade é expressão da caridade. "Caridade na verdade", resumiu Bento XVI na sua última Encíclica. Só a caridade nos conduz à verdade; mas esta desafia o nosso amor humano a ser expressão da exigência da verdade de Deus. Não espereis que vos anunciemos as verdades como gostaríeis de as ouvir. Teremos para vós e para connosco a exigência da verdade de Deus. Não queremos ser a fonte da Verdade, mas apenas servidores da Verdade.

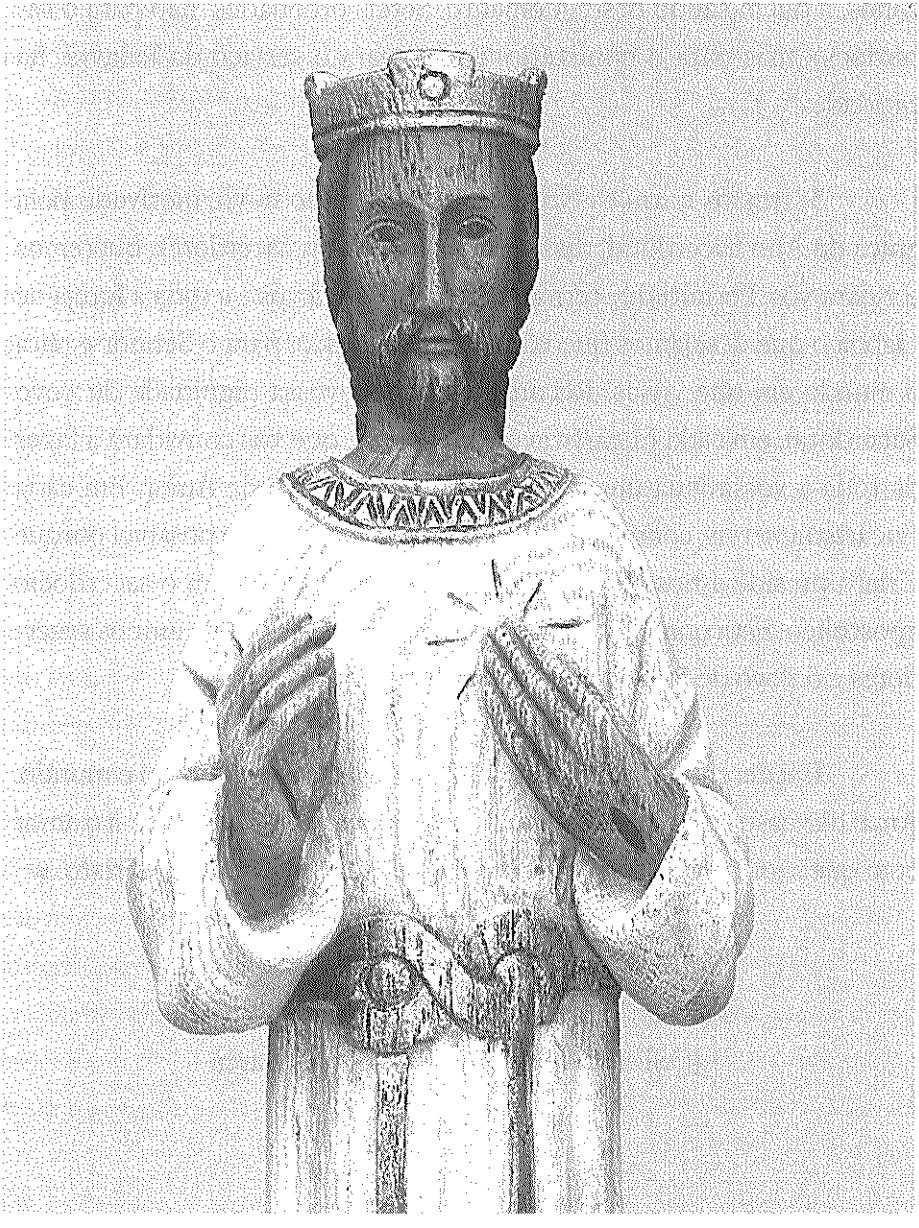
Neste nosso serviço à Palavra da Verdade, que é expressão da caridade, contamos com o contributo precioso dos nossos irmãos Diáconos, a quem saúdo neste momento. Sereis ordenados, não para o sacerdócio, mas para o ministério, isto é, para o serviço da Palavra, na caridade.

5. Irmãos e irmãs. No início deste tempo novo, motivado pela graça do Ano Sacerdotal, disse-vos o que nós, os sacerdotes, queremos ser para vós. Permiti que termine dizendo-vos, a vós e a toda a Igreja de Lisboa o que desejamos que vós sejais, connosco, para o Senhor e para o mundo em que viveis. Reconhecei-vos na vossa dignidade de Povo Sacerdotal, em cada Eucaristia que celebrais, que vos convidará a fazer de toda a vossa vida uma oferta a Deus, Trindade de Amor. Em cada Eucaristia, sereis, connosco, Povo Sacerdotal, o que só é possível porque Cristo preside à nossa oferta através dos que receberam o sacerdócio apostólico. Esta qualidade sacerdotal é o laço mais forte a unir os sacerdotes e o Povo de Deus.

E sede, em tudo, focos de comunhão. Só o amor salvará o mundo. Amai os vossos irmãos, pois a força do vosso amor revelar-lhes-á o amor com que são amados por Deus, na pessoa do Seu Filho Jesus Cristo. ●

Mosteiro dos Jerónimos, 27 de Junho de 2010

† JOSÉ POLICARPO, Cardeal-Patriarca



A Peregrinação da Imagem de Cristo Sacerdote

Uma das iniciativas realizadas em ordem a favorecer a vivência do Ano Sacerdotal na nossa diocese foi a visita das imagens peregrinas de Cristo Sacerdote e Bom Pastor, que percorreram as diferentes comunidades cristãs das quinze vigararias do Patriarcado.

A ideia foi convocar os diferentes fiéis, nas suas realidades normais de pertença, formação e celebração da fé, em torno de Cristo e da sua imagem, para rezar pelas vocações e pedir pela fidelidade dos sacerdotes alicerçada na fidelidade de Cristo. Por isso a imagem percorreu as paróquias com suas igrejas e oratórios, mas também as comunidades de vida consagrada, os seminários, um ou outro colégio...

Cada imagem peregrinou acompanhada de um guião com um conjunto de propostas de oração, reflexão e partilha, dirigida a diferentes grupos e idades, que pudesse auxiliar nos diferentes momentos da visita. Mas muitas foram as iniciativas das diferentes comunidades, segundo os meios humanos e espirituais e costumes locais, muito para lá do que foi oferecido. Pela diocese, a visita da imagem de Cristo Sa-cerdote e Bom Pastor, foi oportunidade de múltiplas celebrações

eucarísticas festivas, vigílias de oração, procissões de velas pelas ruas, catequeses, momentos de reflexão, encontros vocacionais, semanas vocacionais...

O próprio lançamento da visita feito nos Seminário dos Olivais, de onde partiram as quinze imagens enviadas pelo Senhor Patriarca na oração de Vésperas II do dia dos Seminários, antecipou a manifestação do acolhimento e cuidado que muitos cristãos do Patriarcado ainda têm para com os seus padres e as novas vocações sacerdotais e que foi visível pelas quinze vigararias da Diocese ao longo do ano. Nesse dia, o oratório do Seminário dos Olivais foi pequeno para acolher os muitos fiéis (crianças, adolescentes, jovens, famílias e outros adultos) que marcaram presença nas actividades do dia dos Seminários e na oração vespertina na qual foram admitidos como candidatos às ordens sacras 20 seminaristas do Seminário Maior de Cristo-Rei (12 do Patriarcado de Lisboa, 7 da Diocese do Funchal e 1 da Diocese de Cochim). Foi um ambiente feliz e rico de densidade espiritual e eclesial, e no qual os representantes vicariais receberam e transportaram a imagem que percorreu a partir de então a respectiva vigararia.

Os frutos espirituais desta visita não são sensivelmente mensuráveis nem nos cabe fazer essas contas que pertencem a Deus. Apenas reconhecemos que a passagem da imagem de Cristo Sacerdote e Bom Pastor foi em muitos lados oportunidade de congregação, comunhão, conversão, interrogação vocacional, com manifestações de afecto e de fé, seja ao nível local seja para com os seminários.

Toda esta visita convergiu para a celebração das ordenações nos Jerónimos, tendo a peregrinação das imagens terminado com o regresso das mesmas, desta vez à Sé, na vigília de oração pelos ordinandos, trazida de novo pelos representantes vicariais.

A esperança que fica é a de que esta iniciativa não se esgote em si mesma mas tenha continuidade em formas e gestos que cada comunidade encontre para cuidar das vocações sacerdotais, actuais e futuras, bem como do aprofundamento de um ambiente vocacional que se estenda e respire nas famílias, nas comunidades e em toda a pastoral.

Oxalá, o facto de as quinze imagens, finda a peregrinação pela Diocese, terem sido adquiridas por igrejas e oratórios paroquiais, capelanias hospitalares, seminários e famílias indicie a vontade de dar continuidade ao dinamismo que a visita ajudou a viver. Assim cada vez mais cada cristão seja ajudado a viver a vida cristã como escuta, acolhimento, resposta e obediência à vontade de Deus. ●

P. José Miguel Barata Pereira

Encerramento do Ano Sacerdotal em Roma

TESTEMUNHO - P. CARLOS SILVA

Tive a graça de ir a Roma ao encerramentc do Ano Sacerdotal!

Para dizer a verdade, a causa foi ter escutado o Senhor Patriarca dizer que gostava que os padres de Lisboa estivessem com o Santo Padre no encerramento do Ano Sacerdotal em Roma. Essa observação levou-me a alimentar o sonho dessa peregrinação... e depois decidir a ida, quando faltavam ainda muitos meses.

Entretanto, tivemos o Santo Padre entre nós, com a alegria e todas as outras emoções fortes que nos prcvocou a sua visita apostólica... E os numerosos desafios que nos fez! O tempo foi correndo e eis Junho, com todos os muitos trabalhos de finalização de um ano lectivo (também para o Padre professor de ciências físico-químicas que vou aprendendo a ser) e também com o dia marcado para a viagem!

Viajei sozinho, durante o primeiro dia do congresso organizado. Quando cheguei, Roma escaldava sob o sol do meio dia. Como noutras ocasiões, a cidade foi-me surpreendentemente familiar... com

Igrejas insuspeitavelmente belas, ruas comuns, confusão suficiente, um clima muito parecido com Lisboa e, desta vez, padres de todas as proveniências movimentando-se em todas as direcções. Dos dias em que lá estive, obrigo-me a destacar alguns momentos.

O reencontro com o Padre Adriano, companheiro de curso que não via desde a sua ordenação no Mindelo há mais de dois anos, e com o Padre Alexandre, irmão de paróquia e de muito mais.

O almoço de Quinta-Feira, quando um padre brasileiro nos desafiou a contar as histórias das nossas vocações ao sacerdócio: em quatro países lusófonos. oito vidas perpassadas por Deus, na radicalidade de momentos da juventude, na surpresa de encontros inesperados, na beleza da fidelidade em anos agrestes.

A vigília, desde o cair da tarde do mesmo dia: um momento de encarar a beleza que Deus é, exigindo a passagem do conforto humano à verdade da vida entregue. Tudo ajudou: a harmonia do espaço, a calma do entardecer, a multidão de padres, o reconhecimento de caras conhecidas, o discreto começo da vigília (tornando natural a reunião de uns milhares de sacerdotes para rezar com o Papa), a simplicidade da verdade dos testemunhos...

E as lágrimas do Santo Padre, quando chegou e viu "uma praça de gente madura" [cf. uma canção dos anos 70], de padres felizes por estarem ali com ele!

E as suas palavras, tão desafiadoras quanto seguras: "Penso que nenhum de nós se teria tornado sacerdote se não tivesse conhecido sacerdotes convincentes nos quais ardia o fogo do amor de Cristo"[1].

[1] PAPA BENTO XVI, *Colloquio del Santo Padre con i sacerdoti* (10 de Junho de 2010).

A Missa com o Santo Padre, concelebrada por quinze mil padres, na manhã de Sexta-Feira: uma emoção e quase uma insolação! Mas escutei-o dizer que cada um de nós deverá sentir-se agradecido "pelo dom de Deus, dom que se esconde em «vasos de argila» e que sem cessar, através de toda a fraqueza humana, concretiza neste mundo o seu amor. [...] Deste modo, o dom torna-se o compromisso de responder à coragem e à humildade de Deus com a nossa coragem e a nossa humildade" [2].

E a possibilidade de me olhar seriamente como Padre... Rezar o ministério que o Senhor me entrega cada dia... Agradecê-lo... Passar uns dias feliz por ser Padre, sem as complicações que povoam demasiadas vezes os meus dias... Regressar certo de que o Senhor me quer para Si e que isso só pode acontecer como e onde Ele quiser! ●

P. Carlos Aleixo Silva

[2] PAPA BENTO XVI, *Homilia da Santa Missa na Solenidade do Sagrado Coração de Jesus* (11 de Junho de 2010).

O Ano Sacerdotal na Diocese de Leiria-Fátima

O Ano Sacerdotal, sob o lema "Fidelidade de Cristo, fidelidade do padre", proposto pelo Papa Bento XVI a toda a Igreja, por ocasião do 150º aniversário da morte do Santo Cura d' Ars, foi acolhido e vivido na Diocese de Leiria-Fátima no contexto do Projecto Pastoral Diocesano: "Testemunhar Cristo, fonte de esperança".

D. António Marto, em carta pastoral para o ano 2009/10 "Ir ao Coração da Igreja", convidava as comunidades cristãs e seus membros a contemplar, amar e servir a Igreja pelo que ela é profundamente, pois só assim se poderá entender correctamente o ministério ordenado: «"Ir ao coração da Igreja" – escrevia – permite-nos também "ir ao coração do sacerdócio ministerial", sobretudo neste Ano Sacerdotal proposto pelo Santo Padre para toda a Igreja. Leva-nos a compreender melhor o dom do sacerdócio e a sua beleza dentro e ao serviço da Igreja, mistério de comunhão, e da sua missão» (4,6).

Em carta enviada ao Presbitério sobre o Ano Sacerdotal (25.6.2009) afirmava: «A referência ao Santo Patrono não pode ser vista

como uma "cópia" conforme ao modelo. Deve ser, antes, compreendida como uma dinâmica espiritual e pastoral de que ele continua a ser inspirador» e fazia votos, tanto na Carta Pastoral como na Carta ao Presbitério, para que, neste Ano Sacerdotal, cada um dos membros do seu Presbitério chegasse a dar «um salto qualitativo na sua vida espiritual e pastoral».

Neste sentido, D. António, acolhendo a sugestão do Santo Padre, propôs a *evocação de duas figuras do presbitério de Leiria* «que deixaram marcas pelo seu testemunho e pela sua acção pastoral: D. João Pereira Venâncio (1904-85) e o Padre Rogério Pedro de Oliveira (1946-89), por ocasião dos 25 e 20 anos da sua morte, respectivamente» (Carta Pastoral, 4,6)

No decorrer do ano pastoral, muitos foram os momentos em que se rezou pelas vocações sacerdotais e se reflectiu sobre o ministério dos Presbíteros. Além de vigílias de oração, conferências (Santuário de Fátima) e outros encontros de formação, também o Seminário Diocesano propôs à comunidade um espaço de reflexão sobre o ministério ordenado a partir de testemunhos sacerdotais, situados em diferentes contextos eclesiais, sociais e culturais. Os encontros decorreram em ambiente de acção de graças a Deus pelo dom do sacerdócio ministerial à Igreja e ao Mundo.

A mesma acção de graças nos foi dado viver na evocação do P. Rogério Oliveira (Catedral, 9.11.2009). Na celebração eucarística, D. António Marto recordou-nos os motivos da nossa gratidão: o P. Rogério foi "homem de Igreja e da Igreja-Comunhão", exerceu a sua

missão com seriedade, qualidade e exigência; na sua relação com os irmãos presbíteros, procurou, como amigo e irmão viver e testemunhar a fraternidade sacerdotal, empenhando-se quer na sua formação permanente quer na construção da Casa Diocesana do Clero; na promoção do apostolado laical, estruturou a Pastoral Familiar e organizou a Escola de Formação Teológica de Leigos. Nas palavras de D. António, o "P. Rogério abriu caminhos de comunhão e renovação; lançou sementes na nossa Igreja Diocesana que frutificaram e cujos frutos ainda perduram".

A outra figura escolhida foi D. João Venâncio, segundo bispo da Diocese restaurada, natural da freguesia de Monte Redondo, concelho, distrito e diocese de Leiria. Por iniciativa de D. António foi constituída uma Comissão que, no seguimento das celebrações do centenário do seu nascimento e ao ritmo da vida da Diocese, propôs, para a segunda metade deste ano, alguns momentos evocativos da sua pessoa e obra. Assim, aquando da celebração da dedicação da Catedral (13/7), lembrámos os padres que ele ordenou, as comunidades paroquiais que criou, os institutos de vida consagrada que acolheu e as instituições (educativas, sociais...) que fundou; a anteceder a Peregrinação de Outubro ao Santuário de Fátima, apresentaremos o livro "D. João Pereira Venâncio - Servir em tempos de mudança", com as comunicações proferidas no centenário do seu nascimento, e lembraremos o seu intenso trabalho na difusão da mensagem de Fátima em todo o mundo; alguns dias mais tarde (24/10), na reabertura ao culto da igreja paroquial de Monte Redondo, faremos uma romagem ao cemitério onde repousam, em cam-

pa rasa, os restos mortais deste pastor humilde; a terminar as comemorações, no dia 8 de Dezembro, Solenidade da Imaculada Conceição e dia da Padroeira do Seminário, data escolhida por D. João para a sua ordenação episcopal (8/12/54) e entrada solene na Diocese como Bispo residencial (8/12/58), recordaremos os seus trabalhos como formador de seminaristas e grande impulsionador da construção do novo edifício do Seminário de e em Leiria (1962-65). Nesse dia faremos também a bênção da primeira fase das obras de renovação do "seu Seminário" que se destinam à Comunidade do Seminário e a uma Casa de Retiros.

O percurso de vida de D. João atravessa o século XX (1904-85) e a sua acção de pastor cruza-se, a meados do século, com os principais acontecimentos da Igreja e do Mundo. Os primeiros vinte e cinco anos do seu ministério passa-os, discreta mas eficientemente, ao serviço do Seminário que, como aluno, viu renascer e, depois, como superior e professor, ajudou a consolidar, ao ponto de, em 1953, a Santa Sé o nomear Visitador Apostólico dos Seminários de Portugal. Como Bispo da Diocese, realizará um dos seus grandes sonhos, que o era também do seu antecessor (D. José): construir um edifício capaz de acolher os alunos dos seminários diocesanos de Fátima e de Leiria.

Mas o seu trabalho a favor da juventude não se limitou ao Seminário: intuindo a importância da educação num contexto social e cultural em profunda mutação, constrói dois colégios, um na Marinha Grande e outro em Fátima; atento às necessidades da formação laical para enfrentar os desafios dos novos tempos, reorganiza a Acção

Católica e acolhe como "providencial" o Movimento dos Cursos de Cristandade; como padre conciliar, prepara a Diocese para a recepção das orientações do Concílio e com esse objectivo manda especializar muitos padres.

Numa época conturbada por conflitos nacionais e internacionais, pede os seus diocesanos que rezem incessantemente pela paz e, ancorado na protecção maternal da Mãe Imaculada, dedica-se à difusão da Mensagem de Fátima em Portugal e no Mundo – visita mais de trinta países! – e aproveita todas as ocasiões para fazer ouvir os apelos da Senhora do Rosário: deles fala aos Padres do II Concílio do Vaticano e sobre eles escreve aos Bispos do mundo inteiro; convida e acolhe, em Fátima, o Papa Paulo VI.

Aos 68 anos, para surpresa geral, o Santo Padre aceita o seu pedido de resignação (1/07/1972) com palavras de "reconhecimento e apreço, pelo zelo generoso, constantemente demonstrado (...), vivido em discreta e escondida abnegação, mas nem por isso menos fecundo em resultados" (Carta Apostólica de 7/10/72). Viveu ainda mais 13 anos, sempre empenhado em tarefas apostólicas como as de Presidente Internacional do Exército Azul (hoje Apostolado Mundial de Fátima) e Superior Geral dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz, vindo a falecer, em Leiria, a 2/8/85.

As razões da sua resignação não são conhecidas. Houve quem falasse em questões de saúde e no desgosto provocado pela mudança

do Seminário Maior para Coimbra. Contudo, sabendo da sua total entrega ao ministério, que as palavras de Paulo VI confirmam e as de D. Alberto, seu sucessor (1972-92), testemunham, ao descrevê-lo como "verdadeiro homem de Deus que viveu intensamente possuído por Deus", é-nos legítimo pensar que ele agiu como sempre viveu, lúcida e generosamente, isto é: ao sentir que o seu dar-se já não era suficiente para enfrentar os novos desafios eclesiais e sociais, pediu a resignação. Esta grandeza humilde do homem, padre e bispo João Venâncio, qual servo «bom e fiel», é forte apelo à verdade e radicalidade do nosso seguir a Cristo Bom Pastor, que deu a vida por todos nós e nos convida a servi-Lo, dando a vida pelos nossos irmãos. ●

P. Armindo Janeiro

O Ano Sacerdotal na Diocese de Aveiro

A Diocese de Aveiro procurou viver o Ano Sacerdotal proposto pelo Santo Padre numa dupla perspectiva: a atenção particular à vida dos presbíteros e a valorização do ministério presbiteral na vida da Igreja. Mais do que as actividades que se foram fazendo - quer as propostas da Equipa de Animação do Ano Sacerdotal ou aquelas que nasceram nos diversos movimentos e paróquias – é de salientar os objectivos propostos à Diocese que são desenvolvimento daqueles que o Papa Bento XVI propôs a toda a Igreja e inspiradores das diversas acções que se desenvolveram.

Foi preocupação da Diocese uma particular atenção à realidade e situação do presbitério e ao seu constituir-se como fraternidade sacramental, assim como às necessidades de cada presbítero em particular. Neste sentido, pretendeu-se também criar em cada presbítero uma maior auto-estima por si, pelo ministério acolhido e pela sua acção pastoral desenvolvida. Os encontros em presbitério foram assim marcados por momentos de reflexão, oração, convívio e formação, na certeza

que em todos estes momentos se criam as condições necessárias para o fortalecimento de relações e de laços que fortalecem a partilha e a entre-ajuda.

Foi também objectivo a divulgação de iniciativas que se vão fazendo pela Diocese. quer através do jornal diocesano, como da página Web criada para acompanhar todas as acções referentes a este ano.

Um dos objectivos mais promissores e necessário foi a intenção em se começar a criar as condições para uma proposta unificada de acção nas iniciativas que envolvem os presbíteros (Equipa de animação do Ano Sacerdotal, Equipa de formação permanente, delegado para o clero, Direcção do Fundo de compensação do clero e Fraternidade sacerdotal). A pretensão continua a ser a criação de uma Equipa de formação permanente que coordene e dinamize todos os âmbitos de formação da vida presbiteral.

Existe uma dimensão testemunhal naquilo que se realiza, mostrando à comunidade cristã e à sociedade a vida do presbítero-pessoa em todas as suas dimensões do ser e do agir humanos. O padre vive para ser transparência do ministério de Jesus Cristo e transmissor da Sua Salvação para todos.

Na Diocese de Aveiro o Ano Sacerdotal esteve também marcado pela celebração das datas de aniversário dos padres, dando-se relevo também às datas jubilares. Procurou-se que as comunidades rezassem pelos seus párocos e criassem uma sensibilização nas catequeses e juvenis da importância do ministério ordenado para a vida da Igreja e como uma vocação entre outras que Deus vai suscitando.

Sentimos que muito há para se continuar e caminhos ficaram abertos para se aprofundar a riqueza deste ministério. Sentimos necessidade de se continuar a valorizar a comunicação e a relação num presbitério marcado por padres formados em diversos sítios do país e numa Diocese que já acolhe diversos padres em colaboração inter-diocesana e outros vindo de comunidades religiosas. A consciência de que quanto mais unido for um presbitério, melhor se serve o Povo de Deus, mais que uma frase feita, é a nossa consciência do caminho a seguir e a fazer. Ao mesmo tempo, sentimos que existe ainda uma dificuldade em criar caminhos de formação permanente que possam ir para além de uns cursos de formação, mas que tenha em atenção as diversas áreas de formação, desde o início do ministério e ao longo do arco de toda a vida.

Caminhos se abriram e o maior bem do Ano Sacerdotal será sempre aquele que ao padre diz respeito. O Ano Sacerdotal não foi para afirmar o carácter especial do padre, mas pretendeu-se que fosse vivido para se afirmar (ao padre e à comunidade cristã) a importância e a especificidade deste ministério ordenado. ●

P. João Alves

«Eu Acredito»:
A graça da comunhão entre os jovens pela vinda do Papa a Portugal

Quando se soube que o Santo Padre Bento XVI visitaria Portugal em Maio de 2010, todos ficámos contentes. Além disso, quem tem responsabilidades na área juvenil na nossa Diocese ficou também a pensar como haveria de mobilizar a juventude para acolher o Papa, a sua pessoa e a sua mensagem.

Não foi fácil o começo. Houve que vencer dificuldades e barreiras que marcavam, e ainda marcam, a nossa vida eclesial diocesana. Mas, graças a Deus, ficámos sabedores que outros, de outras áreas e sectores juvenis, estavam também a pensar em coisas semelhantes e, sobretudo, a imaginar o que se poderia fazer. Começou então um trabalho de comunhão que juntou vários serviços diocesanos e alguns movimentos.

Nasceu um grupo de trabalho que acabou por ficar com o nome do projecto "Eu acredito", que incluiu os padres dos serviços diocesanos da pastoral juvenil, universitária e vocacional e representantes, jovens e padres, ligados a determinados movimentos e realidades eclesiais: Schönstatt, EJNS, CUPAV. A estes se juntaram mais um grupo

de adultos desses mesmos movimentos, com experiência e capacidade na área de logística e organização.

O ministério do Papa também para este grupo realizou a sua missão. Na verdade, aqui pôde-se sentir a unidade na diversidade. Também se pôde perceber e viver de uma forma muito intensa as diferenças e até as dificuldades de trabalharmos pastoralmente em conjunto. Mas fez-se caminho e, no final, graças a Deus, pudemos celebrar a presença do Papa entre nós mais unidos.

Da parte dos movimentos havia já um desejo de realizar uma peregrinação neste contexto de visita papal. É no grupo "Eu Acredito" que esse conceito é aproveitado, mas também ampliado, para se constituir um programa que acabou por ser mais diversificado e englobante de todos os momentos do Papa em Lisboa e em Fátima (pelo menos). Poder-se-ia resumir dizendo que os jovens de Lisboa eram convidados a participar numa actividade que na totalidade significaria acompanhar Bento XVI na sua passagem por Lisboa e segui-lo até Fátima. Uns poderiam fazê-lo no todo, mas poderia sempre escolher-se só uma das partes do programa.

Durante meses, fomos divulgando e aprofundando o projecto que, finalmente, incluía: uma marcha em Lisboa desde o Marquês de Pombal até ao magnífico espaço onde se celebrou a Missa, no Terreiro do Paço; a presença junto da Nunciatura nessa noite do dia 11 de Maio; a peregrinação a Fátima pela manhã do dia 12 (de autocarro e a

pé); a participação nas celebrações no Santuário, com o Papa, desde a chegada à Capelinha, no Rosário à noite, passando pela Missa presidida pelo Secretário de Estado, até ao ponto alto da Missa com o Papa no dia 13 de Maio.

Os participantes acabaram por ser cerca de 11000, um número impressionante que nos deve alegrar ainda por outra coisa. Como alguém disse depois, a propósito da marcha em Lisboa: "Estava lá toda a gente!". Sentia-se a Igreja na sua diversidade (pelo menos a nível juvenil) com a presença de vários movimentos, mesmo de outros que não estavam na génese do projecto, com as suas maneiras diferentes de expressarem a fé e a alegria comuns em Jesus Cristo. Isso sentia-se nos cânticos. Reconhecíamos caras de todo o lado da Diocese de Lisboa (e até de fora) e de todo os quadrantes eclesiais: uma verdadeira festa da comunhão!

Por fora, unia-nos uma *t-shirt* do "Eu Acredito" que entretanto já tinha ganho uma explicitação "E quem acredita nunca está só", uma frase do próprio Papa Bento XVI. Por dentro unia-nos esta esperança que vem da fé cristã, e a vontade de que essa fé fosse confirmada pelo Sucessor de Pedro.

Chegou assim uma multidão ao Terreiro do Paço. A Missa com o Papa foi das coisas mais belas em que tive o privilégio de participar. E sentimos também o carinho e a proximidade do Bispo de Roma para com os jovens presentes.

Depois da Missa, o Papa dirigiu-se para a Nunciatura Apostólica. E os jovens não o deixaram. Foram também até lá, para viver um ambiente fantástico de alegria e proximidade ao Sumo Pontífice. Cantou-se, rezou-se. O Papa veio à janela e falou aos jovens. Quem olhar hoje para os dois parágrafos desse momento, não terá a percepção do entusiasmo e alegria que cada palavra significou para os jovens presentes. Mesmo depois de o Santo Padre se recolher, o ambiente mantinha-se electrizante, comparável ao de grandes encontros como a Jornada Mundial da Juventude: parecia que nos conhecíamos todos, que estávamos contentes de ver ali os outros mesmo sem os conhecer. Faltam as palavras para descrever o que ali se viveu...

No dia seguinte, como previsto, encaminhámo-nos para Fátima e percorremos os últimos quilómetros a pé, com um programa de peregrinação, cuidadosamente preparado, quer do ponto de vista logístico, quer do ponto de vista espiritual.

Os jovens entraram juntos no Santuário e estiveram com o Papa à chegada à Capelinha. À noite participámos no Terço presidido por Bento XVI. Foi uma graça imensa sentir o carinho filial manifestado por Bento XVI para com Nossa Senhora. As suas palavras foram de uma beleza e amor extraordinários.

Com o Papa voltámos a estar no dia seguinte para a Missa do 13 de Maio. E foi tão bom outra vez.

O Santo Padre ainda foi ao Porto e, apesar de não já não fazer parte do projecto "Eu Acredito", também ali se viam as *t-shirts* azuis.

No fim já pareciam distantes os receios, mais ou menos fundados, dada a campanha anti-Igreja e anti-Papa realizada antes, de que esta visita não iria correr bem. Os católicos portugueses em geral, e os jovens em particular, cresceram no afecto filial ao Papa. E isso não está desligado também daquilo que o Santo Padre nos disse. Não é num artigo como este que se pode espelhar a riqueza e a profundidade das suas palavras. Precisamos de não deixar morrer este impulso de vida de Igreja que foi a sua vinda, recuperando, lendo e relendo essas mesmas palavras.

Para a pastoral juvenil, concretamente, foi um tempo feliz que demonstrou que apesar de difícil é possível, com o Espírito, pôr pessoas de vários movimentos, serviços e sensibilidades a trabalhar em comunhão. Não é fácil repetir o "Eu Acredito". Mas sabemos que as coisas nunca mais vão ser as mesmas depois disto. E temos esperança que o dinamismo criado possa manifestar-se noutras realizações no futuro. •

P. Carlos Miguel Gonçalves

No Reino da Luz

Tão súbita e surpreendente foi a sua morte que, atónito, como que ainda não acredito que tal tivesse acontecido. Estou a ouvir a sua voz, as suas narrativas, o seu sorriso e uma proximidade familiar durante três semanas, mais de vinte e cinco anos seguidos, onde o único projecto era estarmos em família, em convivência sã e amiga, sem muitas perguntas nem protocolo, além de todos gostarmos que todos se sentissem bem. E como tenho uma família grande passámos muitas vezes pela casa de todos. Grandes e pequenos se habituaram a considerá-lo um irmão de todos nós. E todos se sentiram de luto por esta ausência sem aviso. Todos aprenderam com ele a rezar e a sorrir, a ler a vida e os acontecimentos de dor e festa, com uma imensa lucidez e serenidade interior. E a passar horas no mar, sem um queixume quando o sol se demorava a chegar, e a deambular por percursos desconhecidos dos turistas, entre nevoeiros e penumbras por onde sempre passava a amizade e a festa. Tudo com a naturalidade de estar com mais um irmão na família.

Mas a sua morte transportou-nos ao projecto misterioso de Deus que surpreende todos os nossos cálculos com uma espécie de noite sem sentido, deixando-nos a navegar com uma única tábua: a fé. E assim nos reconfortámos uns aos outros.

Retenho muito viva uma entrevista que lhe fiz para a rádio na véspera da sua Ordenação sacerdotal. Estávamos nos anos setenta. Recordo o lugar em que estava sentado no estúdio e a determinação da sua entrega pela causa do Evangelho. Mas lembro o que a escolha pelo Sacerdócio significou de viragem na sua vida, sem nunca perder o sentido do humano ao deixar envolver-se pelo divino. Vimos, à distância, como mudaram as linguagens e as ópticas no percurso que a Igreja e o mundo fizeram. Mas a firmeza da sua entrega continuou a ser para mim uma lição para o meu próprio sacerdócio. Fomos adquirindo amigos comuns na casa de Bela Vista e depois na paróquia de Fátima. Até que tivemos, como dizíamos a brincar, uma "baixa" quando ele foi nomeado Bispo. Mas nem por um momento deixou de estar próximo. Com a mesma familiaridade de quem se sentia em casa quando visitava a nossa.

Fiz uma reportagem sobre a sua Ordenação Episcopal, como havia feito de outros bispos. E acentuei a convicção e a fé de estar perante um sucessor dos Apóstolos. Por isso o meu olhar via mais longe que o amigo próximo. Mas ele nada perdeu da humanidade carregada de fé que trouxe da família, em particular da mãe que muito bem conheci e muito estimei. Nem de muitos dons, mais visíveis possivelmente na proximidade de amigo que na "distância" da missão ou na

imagem que de si próprio dava. Um profundo sentido de humanidade, humor, proximidade, sem dar nas vistas e sem perder a observação do que quer que fosse. Uma fidelidade quase escrupulosa à missão, na escolha ordenada dos temas, das palavras, das orientações que brotavam dos diferentes serviços que orientava a nível diocesano e nacional.

A sua morte foi mais que um manto de silêncio que me cobriu. Até que se me abriram os olhos mesmo toldados. Comecei a falar com ele doutro modo. Pertence ao Reino da luz. A sua vida foi doada à Igreja por inteiro. Foi missão. E sei que entende muito melhor o que cá lhe dizia. De facto a fé no Nosso Senhor é algo de admirável. Até o absurdo da morte é por Ele iluminado. ●

Cón. António Rego

In Memoriam

Quando a Igreja diocesana e o país inteiro viviam intensamente a visita do Santo Padre, faleceu no passado dia 12 de Maio, o Cónego Serrazina. Foi sepultado no dia seguinte, tendo presidido à missa exequial e ao funeral, em representação do Senhor Patriarca, D. Anacleto de Oliveira. As circunstâncias excepcionais desse dia 13 de Maio não impediram a participação de um grande número de padres e de muitos fiéis que assim deram testemunho da elevada consideração e estima que tinham por ele.

Por ter sido vice-reitor do Seminário dos Olivais no momento mais difícil da sua história, é justo que digamos uma breve palavra em sua memória neste número da Novellae Olivarum, o primeiro depois do seu falecimento.

Nascido a 2 de Julho de 1924, na Paróquia da Benedita, concelho de Alcobaça, foi ordenado sacerdote em 29 de Junho de 1950. Ao longo dos cinquenta anos da sua vida activa como presbítero, o Cónego Serrazina trabalhou nas mais diversas áreas da vida da Igreja. Começou por ser, durante cinco anos, professor e prefeito no Seminário de Santarém. Foi assistente diocesano da LAC e LACF. Depois dos dois

difíceis anos como vice-reitor do Seminário dos Olivais (1968-1970) foi director do Secretariado de Acção Pastoral (SAP), membro do Conselho Presbiteral e assistente diocesano, e também nacional, da Caritas. Foi ainda director do Secretariado Diocesano da Acção Social e director dos Secretariados, Diocesano e Nacional, da Pastoral da Família.

Nomeado Cónego em 1989, exerceu as funções de Secretário Geral do Patriarcado de Lisboa de 1990 a 1997. Faltava-lhe a experiência de pastorear uma paróquia e teve-a em Nossa Senhora dos Anjos em Lisboa, de 1997 a 2000.

À sua passagem pelos movimentos rurais da Acção Católica se deve o início da Casa do Oeste, em Ribamar da Lourinhã.

Guardo do Cónego Serrazina uma grata memória, pois foi um dos padres que mais positivamente marcou os anos da minha formação com a sua amizade, com o seu amor a Cristo e à Igreja, com o seu incondicional espírito de serviço, com a sua capacidade de sofrer e de enfrentar situações adversas, com a solidez humana e cristã da sua rica perso-nalidade, com a sua eficiência e discrição. Transparecia nele a mesma solidez, jovialidade e caridade do Bom Papa João XXIII.

O Senhor preparou-o e purificou-o com a doença nos últimos anos da sua vida. Servo fiel e prudente, bom exemplo para todos nós de dedicação ao ministério, o Cónego Serrazina, certamente, escutou já de Cristo aquele "entra na alegria do teu Senhor" que todos desejamos ouvir quando for o nosso encontro com o supremo Pastor e guarda das nossas almas. ●

Cón. João Marcos

Crónica da vida do Seminário

Iniciámos o segundo semestre no dia 3 de Janeiro, dia da Epifania do Senhor, com a habitual celebração das Vésperas. Este mês coincide com a época de exames na Universidade, tempo de pôr à prova os conhecimentos recém-adquiridos. Sendo embora um período sem aulas e, portanto, com horários menos apertados, as habituais actividades da vida de Seminário continuam. O serão das quartas-feiras em que costumamos receber convidados que nos vêm falar de determinados temas da actualidade, é diferente no tempo de exames: depois de nos reunirmos todos às 23h para um briefing, acerca de aspectos práticos da vida comunitária, segue-se um pequeno "aconchego" do estômago, normalmente preparado por cada curso, que favorece a vivência comunitária numa altura em que tendemos para nos isolar.

Quanto às actividades propriamente ditas que marcaram o mês de Janeiro, podemos destacar a nossa "Hora de Adoração e Oração pelos Sacerdotes" organizada pelo curso de S. Pio de Pietrelcina (6º ano) no dia 7, por ser a primeira quinta-feira do mês. Destacamos ainda no dia 22, a celebração na Sé, do padroeiro principal do Patriarcado de Lisboa, o mártir S. Vicente. As Jornadas de Formação Permanente do Clero, que decorreram nos dias 26, 27 e 28, contaram com a presença de D. Juan María Uriarte

Goiricelaya, bispo-emérito de San Sebastián - Espanha. No dia 30, na Revisão do Semestre, fizemos uma retrospectiva da primeira parte deste ano, sublinhando as coisas boas e também as menos positivas.

No mês de Janeiro celebrámos alguns aniversários: no dia 10 do Rui Cantarilho, no dia 15 do João Correia, e nos dias 23 e 24 do Fábio e do Ronald, respectivamente.

No início do mês de Fevereiro começaram as aulas do segundo semestre e retomámos o ritmo normal das quartas-feiras. No dia 3 visitaram-nos três membros da Comunidade de S. Egídio, que nos falaram deste Movimento católico de leigos e partilharam o seu testemunho de serviço desinteressado aos "seus amigos", isto é, aos sem-abrigo. Esta comunidade reúne-se em alguns dias da semana para, num primeiro momento, rezar e, depois, sair ao encontro dos "amigos", levando-lhes o conforto de uma refeição quente e algumas roupas. Foi, de facto, um belo testemunho de caridade e constituiu para nós uma interpelação sobre a forma como cada um de nós usa os bens materiais e olha para os pobres. No dia 10 a Dra. Graça Franco, directora de informação da Rádio Renascença, deixou-nos uma perspectiva muito global sobre o estado da informação no nosso país. Uma vez que é formada em Economia, também delineou para nós um retrato de Portugal em termos económicos.

A "Hora de Adoração e Oração pelos Sacerdotes", preparada pelo curso de S. Paulo (3º ano) foi no dia 4.

O Tempo da Quaresma trouxe alguns acontecimentos importantes para a nossa comunidade. Em primeiro lugar as Catequeses Quaresmais ao fim da tarde de domingo, transmitidas online e em directo pela nossa Rádio Olivais. Em segundo, o retiro anual, que decorreu entre os dias 22 e

26, no Centro de Espiritualidade do Turcifal. Foi pregador D. Maurílio de Gouveia, arcebispo emérito de Évora, que muito nos ajudou neste tempo de maior oração com suas meditações e testemunho.

Festejámos no mês de Fevereiro os aniversários do Paulo Pires no dia 17, e do Sr. Patriarca, no dia 26.

Na quarta-feira da primeira semana do mês de Março veio falar-nos o P. Doutor Noronha Galvão. Tendo sido aluno do actual Papa, ajudou-nos a preparar a sua visita reflectindo connosco sobre a importância do ministério petrino na Igreja e sobre o múnus concreto do Santo Padre Bento XVI.

Na semana seguinte, fomos prendados com um concerto, realizado na Igreja do Seminário pelo coro paroquial de Cristo Rei da vizinha paróquia da Portela. Como referiu o seu maestro, tratou-se de um acto de louvor e de acção de graças a Cristo neste Ano Sacerdotal pelos sa-cerdotes formados nesta casa, e de um gesto de reconhecimento ao próprio Seminário, uma vez que a paróquia da Portela aqui deu os seus primeiros passos antes de edificar a igreja paroquial.

No dia 18 participámos na "Páscoa das Universidades" na igreja de Nossa Senhora de Fátima, e no dia 20 decorreu a rzcolecção de um dia na igreja paroquial da Enxara do Bispo para os alunos do 4º e 5º anos que haviam de receber em breve os ministérios do leitorado e acolitado. As Instituições celebraram-se na quarta-feira, dia 24, e na sexta-feira seguinte terminaram as aulas do segundo trimestre.

Após alguns dias de férias, a comunidade reencontrou-se na Quarta-feira Santa ao final da tarde, para a celebração de Vésperas-Missa. O serão foi

ocupado com ensaios de cânticos para as celebrações pascais, e a preparação do Seminário para acolher o clero diocesano no habitual almoço com o Sr. Patriarca depois da Missa Crismal.

Vivemos as celebrações do Tríduo Pascal na Sé Patriarcal. Envolveram activamente toda a comunidade, inclusivamente na sua preparação. Foram dias intensos em que celebrámos os acontecimentos centrais da nossa vida: o amor infinito do Senhor, que o levou a oferecer-se ao Pai por todos nós, e que, na sua grande misericórdia, nos chama a experienciá-lo e a cultivá-lo neste Seminário, revivendo a experiência dos Doze.

Que maravilha celebrarmos a entrega do Senhor e a sua diaconia na Última Ceia e deixarmos que o mistério da Cruz ilumine e configure a nossa existência! Que graça imensa descermos de novo às águas do baptismo e escutarmos, no vazio das nossas vidas, o alegre anúncio da Ressurreição que congrega e envia a Igreja, alimentada pela Eucaristia e dinamizada pelo Espírito, a anunciar o Evangelho a toda a criatura! Celebrámos a Páscoa, temos o ano inteiro para viver pascalmente.

Voltámos a encontrar-nos, para o início do terceiro trimestre no dia 11 de Abril, Domingo da Oitava da Páscoa, e no dia seguinte, começaram as aulas do terceiro período.

A primeira semana do segundo semestre foi particularmente rica. Na quarta-feira à noite, dia 14, escutámos o P. João Caniço, s.j., que nos veio falar sobre "Os mártires portugueses do Brasil". Na sexta-feira iniciou-se no oratório do nosso Seminário uma "corrente diocesana de adoração pelos sacerdotes e de preparação para a visita do Papa Bento XVI a Portugal", desde a Missa da nossa comunidade até às 9h do dia seguinte. Tratou-se de um tempo de oração privilegiado, em lausperene. Neste mesmo dia demos início ao tempo de recolecção comunitária, e, no domingo, dia 18, tivemos oportunidade de par-

ticipar na Jornada Diocesana de Juventude em Alcobaça. À noite, celebrámos o aniversário do Miguel Pereira.

De 18 a 25 de Abril foi a Semana de Oração pelas Vocações e a "Semana.com", isto é, uma semana na qual alguns rapazes podem fazer a experiência de viver na comunidade do Seminário. Vieram apenas dois. Ainda nesta semana celebrámos o aniversário do David Palatino na segunda-feira dia 19, e na quarta-feira à noite o Cón. João Seabra apresentou-nos o tema "Um olhar sobre os 100 anos da República".

No dia 28 o Sr. Bispo de Santarém visitou o Seminário, tendo admitido como candidatos às ordens sacras os seminaristas desta diocese, na celebração da Eucaristia a que presidiu. À noite, o Sr. D. Manuel Pelino deu-nos um panorama geral da realidade pastoral da sua diocese, evidenciando as suas iniciativas e os novos desafios que se apresentam. No dia seguinte celebrámos o aniversário do Samuel Costa.

Chegou o mês de Maio. No dia 5 celebrámos o aniversário do António Furtado e, no dia seguinte, fizemos a Hora de Adoração e Oração pelos Sacerdotes

Chegaram os dias maravilhosos da visita do Santo Padre, que aguardámos com grande expectativa, participando activamente na preparação da Santa Missa no Terreiro do Paço. Nessa manhã, alguns de nós fomos até à Av. Gago Coutinho, para vermos e saudarmos o Santo Padre. De ouvidos colados à rádio, escutámos com alegria as suas primeiras palavras em Portugal, e aclamámo-lo, comovidos, quando o papamóvel passou diante de nós.

Neste dia o almoço foi antecipado, de modo a podermos estar a horas no Terreiro do Paço para os últimos preparativos.

Vivemos com intensa alegria a memorável Eucaristia no Terreiro do Paço. O enquadramento da praça juntamente com o altar levan-

tado no Cais das Colunas recordou-nos o impulso missionário do povo português cuja relevância o Santo Padre mencionou na sua homilia. O Sr. Patriarca, na saudação inicial, manifestou a imensa alegria de receber Sua Santidade na bela cidade de Lisboa.

Terminada a Santa Liturgia, a maior parte de nós seguiu com uma multidão de jovens até à Nunciatura para cantarmos ao Papa e lhe desejarmos uma "boa noite".

No dia 12, aniversário do Sr. Reitor, partimos do Seminário ao início da tarde para celebrarmos as Vésperas com o Santo Padre na igreja da SS. Trindade, em Fátima. Aí escutámos o admirável discurso que ele nos dirigiu, exortando-nos a viver unidos a Cristo para melhor podermos servir a Igreja. À noite rezámos o terço juntamente com o Santo Padre. Foi marcante vê-lo de joelhos diante da imagem de Nossa Senhora e podermos com ele suplicar as graças de que a Igreja hoje tanto necessita para ser fiel à sua missão. Participámos também na Missa presidida pelo Cardeal Bertone.

A noite de 12 para 13 foi passada em vigília, interrompida por alguns momentos de descanso na casa dos Franciscanos Capuchinhos, que nos acolheram naquela noite. Uma vez que estávamos em Ano Sacerdotal, foi decidido que esta vigília seria assegurada pelos diversos Seminários do país. Nós ficamos com a responsabilidade da Santa Missa, celebrada às 4h da manhã.

A Missa presidida pelo Santo Padre e participada por muitos milhares de fiéis foi também para nós um momento muito intenso de catolicidade. Na Virgem Maria e no Santo Padre está resumido o essencial da nossa identidade católica. Ali o sucessor de Pedro, apontou-nos a Virgem Maria como perfeito modelo do seguimento de Cristo.

Depois do almoço, regressámos ao Seminário. O terceiro ano, porém, realizando a "saída de curso", rumou em direcção ao norte e esteve presente na Avenida dos Aliados no Porto, na Missa que o Papa celebrou antes de regressar a Roma.

No dia 17 de Maio fomos ver o musical "Wojtyla", na igreja de Nossa Senhora da Boa Nova, no Estoril. Os aniversários do Pedro Nóbrega e do Samuel Pulickal no dia 19, o encerramento do torneio "Jesus Nika", organizado pelos dehonianos no dia 27, e a festa de finalistas no dia 28, com a qual festejamos os nossos colegas do sexto ano marcaram ainda este inesquecível mês de Maio.

O mês de Junho foi tempo de exames na Universidade. No dia 2, véspera da Solenidade do Corpo de Deus, fizemos uma vigília de adoração em lausperene durante toda a noite, assegurada hora a hora por grupos de seminaristas. O dia seguinte foi marcado pela Missa do Corpo de Deus na Sé durante a manhã, e, à tarde, pela solene procissão eucarística pelas ruas da Baixa de Lisboa, ambas presididas pelo Sr. Patriarca. Foi impressionante ver centenas de fiéis reunidos para adorarem publicamente o Senhor Jesus Cristo, Pão vivo descido do Céu.

Nos dias 4 e 5 fizémos a "Revisão do Ano", durante a qual cada um pôde partilhar a vivência deste ano lectivo e confrontá-la com a dos colegas. No dia 18 recebemos a visita do Sr. Patriarca no Seminário, disponível para escutar cada um dos seminaristas. Este foi para nós um momento privilegiado em que pudémos partilhar com o nosso bispo as nossas vivências e o nosso percurso e receber dele palavras de sabedoria que nos ajudam a caminhar.

Fizémos no dia 25, na Sé, uma Vigília de Oração pelos ordinandos, e no domingo seguinte, dia 28, celebrámos as

ordenações sacerdotais. Trata-se de um acontecimento que, não obstante a sua regularidade, nunca nos deixa indiferentes. Aliás, vermos serem ordenados os nossos colegas, é para nós um estímulo e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para dar graças a Deus pela sua misericórdia em favor do seu povo, e pelas maravilhas que fez na vida daqueles com quem partilhámos a caminhada.

Na semana seguinte, foi a vez dos neo-sacerdotes celebrarem Missa Nova cá no Seminário. Assim o P. Miguel Pereira veio na segunda-feira dia 29, e o P. Nuno Fernandes na quinta-feira dia 1 de Julho.

Também celebrámos os aniversários: no dia 13 de Junho, o do Miguel Ângelo; e no dia 28, o do Hugo Gonçalves.

Paulo Pires

No dia 6 de Setembro regressámos de férias e começámos o novo ano com a celebração de Vésperas – Missa, em que festejámos também o aniversário do Padre Pedro Lourenço. Além dos que vieram do Seminário de S. José de Caparide e da diocese do Funchal, a nossa comunidade foi aumentada pelos seminaristas provenientes da diocese de Leiria-Fátima e da diocese de Aveiro. Ingressaram 19 novos seminaristas destas dioceses referidas e também de Santarém e Cabo-Verde.

Nos 44 seminaristas que integram a nossa comunidade só a Oceania não está representada: além dos europeus (portugueses) e africanos (cabo-verdianos) o Samuel Pulickal representa a Índia e a Ásia e o Ramon veio do Brasil representando a América. Neste mesmo dia tivemos uma celebração penitencial, para iniciarmos, da melhor maneira, a nossa peregrinação anual de início de ano, momento marcante de intimidade com o Senhor e com os irmãos.

No dia seguinte partimos de autocarro e com tempo chuvoso para Santiago de Compostela. Quando chegámos, após uma animada viagem, esperava-nos o Reitor do Seminário Maior de Compostela para nos introduzir na catedral e na capela da Corticela onde celebrámos missa. Depois de tempo livre para passeio individual partimos rumo a Ourense onde ficámos hospedados no Seminário menor. No dia 8 regressámos a Santiago onde participámos na Eucaristia presidida pelo Arcebispo D. Julián Barrio Barrio. No decorrer da celebração o seminarista Hugo Gonçalves dirigiu ao Apóstolo, em nome de todo o Seminário, uma saudação em que expressou o nosso desejo profundo de nos querermos colocar sob a sua protecção e que se resume assim: "ensinai-nos a resposta pronta e confiada ao chamamento que Jesus nos lança a deixarmos os nossos projectos pessoais e a entrarmos na barca segura dos que são chamados a oferecerem as suas vidas para anunciarem o Evangelho a todos os homens". No final da celebração pudemos admirar o singular espectáculo do famoso bota-fumeiro. Durante a tarde aproveitámos para conhecer melhor a cidade de Compostela e a sua catedral, fizemos uma visita guiada ao Paço do bispo Gelmírez e às coberturas da Catedral. No final do dia regressámos novamente a Ourense. Em 9 de Setembro, dia do aniversário do Duarte Andrade e Sousa, concluímos a nossa peregrinação com uma visita ao Paço Episcopal de Ourense e à Catedral onde celebrámos a Eucaristia na capela do Santo Cristo, importante local de peregrinação e devoção da cidade. Depois do almoço regressámos a Lisboa. Na Sexta-feira dia 10 escutámos a conferência do início do ano do nosso Reitor e preparámo-nos com diversas reuniões para pôr em andamento o novo ano.

No dia 13 de Setembro recomeçámos o ano académico, com as aulas na Faculdade de

Teologia da Universidade Católica para o terceiro, quarto e quinto anos. Os alunos do Ano Pastoral (6º ano) têm aulas aqui nos Olivais.

Imaginam como é a nossa vida aqui no Seminário? Começamos o dia cantando as Laudes às 07h10m. Segue-se o pequeno-almoço e saída para a Universidade. As aulas começam às 8h30 e duram toda a manhã. O almoço é às 13h15m, seguido de um tempo de convívio até às 14h30m. Durante a tarde, o tempo é dedicado ao estudo e à oração pessoal; quem quiser pode merendar às 17h. Às 19h fazemos a celebração de Vésperas-Missa, antecedida de meia hora de oração individual na Capela. Segue-se o jantar e um momento de convívio no bar. Às 21h30 termina o intervalo e retomamos o estudo até às 23h horas em que começa o silêncio para o descanso nocturno. Olhando para a semana, temos também algumas actividades: na terça, na quarta e na quinta-feira temos Perscrutação da Palavra por grupos, à quarta-feira, "dia comunitário", temos formação litúrgica e desporto e à noite, depois do intervalo, temos sempre um serão. Aos sábados, depois do almoço, partimos para o trabalho pastoral nas paróquias e regressamos ao Seminário no Domingo para a adoração eucarística às 19h seguindo-se as Vésperas cantadas e transmitidas pela Net e depois o Jantar. Às 21h30 é passado habitualmente um filme no auditório, para quem quiser.

No serão de quarta-feira dia 15 fizemos a partilha das nossas férias em que vários seminaristas e também alguns padres partilharam fotos e experiências.

No dia 22 de Setembro reuniu a assembleia-geral da Associação Monsenhor Pereira dos Reis com a seguinte ordem de trabalhos: aprovação do relatório de actividades e do relatório de contas da direcção cessante, eleições para a nova direcção, e aprovação do orçamento e

plano de actividades. A direcção eleita para este ano é constituída pelo P. Pedro Lourenço (presidente), pelo Hugo Gonçalves (vice-presidente), pelo David Palatino (secretário), pelo Miguel Ângelo Ferreira (tesoureiro) e pelo Joaquim Loureiro (vogal). Foi igualmente eleita a nova mesa da Assembleia-Geral tendo como secretários o Marcos Martins e o Leonel Abrantes. Para o Conselho Assessor foram eleitos o Diogo Correia (presidente), o Pedro Nóbrega (secretário) e o Ramón Vergasta (vogal).

No dia 13 de Setembro participámos na missa do Espírito Santo na Universidade Católica Portuguesa, presidida pelo Reitor da Faculdade de Teologia, o Padre Peter Stilwell, em sufrágio de todos os alunos e professores defuntos, de modo particular pelo Sr. Dom Tomaz Nunes falecido duas semanas antes.

Celebrámos o aniversário do seminarista Mário no dia 24 de Setembro, e a fechar o mês na última quarta-feira tivemos connosco dois Padres do Movimento de Schoenstatt, um casal e dois jovens que nos apresentaram o Movimento, a sua história, a sua estrutura e a sua acção em Portugal, focando uma das suas iniciativas mais importantes: as missões universitárias.

A começar o Mês de Outubro festejámos Santa Teresa do Menino Jesus, co-padroeira (padroeira secundária) do Seminário, e no dia 6 de Outubro o 5º ano festejou o seu padroeiro S. Bruno, fundador dos Cartuxos. Nesse mesmo dia pudemos contar com a presença e o testemunho do Rev. Sr. Cónego Ótero, da diocese de Ourense e capelão da comunidade espanhola em Lisboa. Do testemunho que nos deixou sublinhc o seu apreço pela beleza da liturgia que fazemos aqui no Seminário. Falou-nos da importância que tem na vida de um padre o cuidado com a preparação e a celebração da liturgia e

da centralidade da obediência na vida do sacerdote, obediência que se cultiva e se discerne durante o tempo de Seminário e que foi a marca d'água do seu ministério ao longo de todos estes anos ao serviço da Diocese de Ourense. Segundo o seu testemunho, a obediência aliada à disponibilidade para o serviço são essenciais na vida de um sacerdote. Por fim deixou-nos uma interpelação muito profunda sobre a importância que tem a devoção a Nossa Senhora na vida de um sacerdote como caminho de encontro com Nosso Senhor Jesus Cristo.

O seminarista Pedro Barros celebrou connosco o seu aniversário a 9 de Outubro e na quarta-feira seguinte iniciámos o Ciclo de Conferências do Sr. Reitor dedicado ao Concílio Vaticano II e à sua recepção. Na sua alocução, o Cónego Nuno Brás situou o Concílio na vida da Igreja: como foi convocado, os seus antecedentes e o decorrer dos trabalhos conciliares. Apontou as questões de fundo que estiveram na base dos trabalhos, descreveu também a conturbada recepção dos documentos conciliares e os acontecimentos externos que condicionaram o modo como os mesmos foram recebidos e interpretados nas décadas que se seguiram ao encerramento do Concílio, e convidou-nos a ler os textos de acordo com o verdadeiro espírito do Concílio, alertando-nos para o perigo de certas interpretações tendenciosas dos documentos conciliares.

Festejámos o aniversário do seminarista Francisco Sanches no dia 15 de Outubro, do Padre Carlos Miguel no dia 18, e no dia seguinte, a 19 de Outubro, o do seminarista Rui Silva.

No domingo 17 foi inaugurada na ante-sala do bar uma pequena exposição sobre o retábulo do Cordeiro Místico de Hubert e Jan Van Eyck da catedral de Gand na Bélgica, uma das mais impressionantes obras do séc. XV flamengo.

Nessa quarta feira dia 20 lemos e comentámos em conjunto a primeira parte da Carta que Sua Santidade o Papa Bento dirigiu aos Seminaristas no passado dia 18 de Outubro.

No dia 21 o Sr. Cardeal Patriarca celebrou a Missa das Universidades na igreja do Sagrado Coração de Jesus. Participámos nela juntamente com os outros estudantes, professores e funcionários das Escolas Superiores de Lisboa. O Sr. D. José Policarpo exortou aquela multidão de jovens a que cada um fosse testemunha e anunciador de Jesus Cristo. O encontro terminou com um momento de convívio.

No dia 24 de Outubro celebrámos o 79º aniversário do Seminário dos Olivais, e no dia seguinte participámos na celebração do aniversário da Dedicação da Sé de Lisboa presidida pelo Senhor Patriarca.

Rapidamente se escoaram os dias de Setembro e de Outubro. Como tudo passa depressa! Este suceder de dias e de tempos marcados, diríamos hora a hora, pela presença activa do Espírito de Cristo Ressuscitado vai-nos amadurecendo como cristãos, vai-nos preparando para o ministério sacerdotal a que o Senhor nos chama. ●

Mário Silva

Oração de Vésperas



Agora já pode acompanhar todos os Domingos às 19h45, a Oração de Vésperas transmitida pela internet a partir da Igreja do Seminário dos Olivais.

Aceda em
http://www.seminariodosolivais.org/